

Marcio Sérgio Christino

A Máfia



ISO 9001

Ana Carolina Gregory Villaboim
Colaboradora

Diretoria da Associação Paulista do Ministério Público

Biênio 2015/2016

Presidente

Felipe Locke Cavalcanti

1º Vice Presidente

Márcio Sérgio Christino

2º Vice Presidente

Gabriel Bittencourt Perez

1º Secretário

Paulo Penteador Teixeira Junior

2º Secretário

Tiago de Toledo Rodrigues

1º Tesoureiro

Marcelo Rovere

2º Tesoureiro

Francisco Antonio Gnipper Cirillo

Relações Públicas

Paula Castanheira Lamenza

Patrimônio

Fabiola Moran Faloppa

Aposentados e Pensionistas

Cyrdemia da Gama Botto

Prerrogativas Institucionais

Salmo Mohmari dos Santos Júnior

CONSELHO FISCAL

Titulares

Antonio Bandeira Neto

Enilson David Komono

Luiz Marcelo Negrini de Oliveira Mattos

Suplentes

José Márcio Rossetto Leite

Pedro Eduardo de Camargo Elias

Valéria Maiolini

DEPARTAMENTOS

Assessores da Presidência

Antonio Luiz Benedan

Antonio Visconti

Arthur Cogan

Herberto Magalhães da Silveira Júnior

Hermano Roberto Santamaria

Irineu Roberto da Costa Lopes

João Benedito de Azevedo Marques

José Eduardo Diniz Rosa

José Geraldo Brito Filomeno

José Maria de Mello Freire

José Ricardo Peirão Rodrigues

Marino Pazzagliani Filho

Munir Cury

Nair Ciocchetti de Souza

Newton Alves de Oliveira

Reginaldo Christoforo Mazzafera

Apoio aos Substitutos

Eduardo Luiz Michelan Campana

Neudival Mascarenhas Filho

Norberto Jóia

Renato Kim Barbosa

Apoio à 2ª Instância

Paulo Juricic

Renato Eugênio de Freitas Peres

Aposentados

Ana Martha Smith Corrêa Orlando

Antonio de Oliveira Fernandes

Antonio Sérgio C. de Camargo Aranha

Carlos João Eduardo Senger

Carlos Renato de Oliveira

Edi Cabrera Rodero

Edivon Teixeira

Edson Ramachoti Ferreira Carvalho

Francisco Mario Viotti Bernardes

Irineu Teixeira de Alcântara

João Alves

José Benedito Tarifa

José de Oliveira

Maria Célia Loures Macuco

Reginaldo Christoforo Mazzafera

Orestes Blasi Júnior

Oswaldo Hamilton Tavares

Paulo Norberto Arruda de Paula

Ulisses Butura Simões

APMP - Mulher

Maria Gabriela Prado Manssur

Daniela Hashimoto

Fabiana Dalmas Rocha Paes

Celeste Leite dos Santos

Fabiola Sucasas Negrão Covas

Jaqueline Mara Lorenzetti Martinelli

Compliance

Marco Antonio Ferreira Lima

Convênios

Célio Silva Castro Sobrinho

Valéria Maiolini

Condições de Trabalho

Cristina Helena Oliveira Figueiredo

Tatiana Viggiani Bicudo

Tiago de Toledo Rodrigues

Coordenador do Ceal

João Cláudio Couceiro

Secretário do Ceal

Arthur Migliari Júnior

Cultural

André Pascoal da Silva

Beatriz Helena Ramos Amaral

Gilberto Gomes Peixoto

José Luiz Bednarski

Paula Trindade da Fonseca

Esportes

João Antônio dos Santos Rodrigues

Karyna Mori

Luciano Gomes de Queiroz Coutinho

Estudos Institucionais

Anna Trotta Yaryd

Claudia Ferreira Mac Dowell

Jorge Alberto de Oliveira Marum

Rafael Corrêa de Moraes Aguiar

Eventos

Paula Castanheira Lamenza

Gestão Ambiental

Barbara Valéria Cury e Cury

Luis Paulo Sirvinskas

Informática

João Eduardo Gesualdi Xavier de Freitas

Paulo Marco Ferreira Lima

Jurisprudência Cível

Alberto Camina Moreira

José Bazilio Marçal Neto

Otávio Joaquim Rodrigues Filho

Renata Helena Petri Gobbet

Jurisprudência Criminal

Alfredo Mainardi Neto

Antonio Nobre Folgado

Fabio Rodrigues Goulart

Fernando Augusto de Mello

Goiaci Leandro de Azevedo Júnior

João Eduardo Soave

Luiz Cláudio Pastina

Ricardo Brites de Figueiredo

Roberto Tardelli

Legislação

Daniela Merino Alhadef

Leonardo D'Angelo Vargas Pereira

Milton Theodoro Guimarães Filho

Rogério José Filocomo Júnior

Médico

Luiz Roberto Cicogna Faggioni

Ouvidor da APMP

Paulo Roberto Salvini

Patrimônio

João Carlos Calsavara

Paulo Antonio Ludke de Oliveira

Sérgio Clementino

Wânia Roberta Gnipper Cirillo Reis

Prerrogativas Financeiras

André Perche Lucke
Daniel Leme de Arruda
João Valente Filho

Prerrogativas Funcionais

Cássio Roberto Conserino
Geraldo Rangel de França Neto
Helena Cecília Diniz Teixeira C. Tonelli
Silvia Reiko Kawamoto

Previdência

Deborah Pierri
Maria da Glória Villaça B. G. de Almeida

Publicações

Aluísio Antonio Maciel Neto
José Carlos de Oliveira Sampaio
José Fernando Cecchi Júnior
Rolando Maria da Luz

Relações com Fundo de Emergência

Gilberto Nonaka
Roberto Elias Costa

Relações Interinstitucionais

Ana Laura Bandeira Lins Lunardelli
Cristiane Melillo D.M. dos Santos
Soraia Bicudo Simoes Munhoz

Relações Públicas

Estéfano Kvastek Kummer
José Carlos Guillem Blat
Rodrigo Canellas Dias

Segurança

Gabriel César Zaccaria de Inellas
Walter Rangel de Franca Filho

Turismo

Mariani Atchabahan
Romeu Galiano Zanelli Júnior

DIRETORES REGIONAIS (TITULARES E ADJUNTOS)

Araçatuba

José Fernando da Cunha Pinheiro
Reinaldo Ruy Ferraz Penteadó

Bauru

Júlio César Rocha Palhares
Vanderley Peres Moreira

Campinas

Leonardo Liberatti
Ricardo José Gasques de A. Silveiras

Franca

Joaquim Rodrigues de Rezende Neto
Carlos Henrique Gasparoto

Guarulhos

Omar Mazloum
Rodrigo Merli Antunes

Marília

Rafael Abujamra
Gilson Cesar Augusto da Silva
Piracicaba
Fábio Salem Carvalho
João Francisco de Sampaio Moreira

Presidente Prudente

Gilson Sidney Amancio de Souza
Braz Dorival Costa

Ribeirão Preto

Maria Julia Camara Facchin Galati
Sebastião Donizete Lopes dos Santos
Santos

Carlos Alberto Carmello Júnior
Roberto Mendes de Freitas Júnior

São José do Rio Preto

Carlos Gilberto Menezello Romani
Ary César Hernandez

Sorocaba

José Júlio Lozano Júnior
Patrícia Augusta de Chechi Franco Pinto
Taubaté
Manoel Sérgio da Rocha Monteiro
Luís Fernando Scavone de Macedo

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO (TITULARES E SUPLENTE)

ABC

Fernanda Martins Fontes Rossi
Adolfo César de Castro e Assis

Araçatuba

Sérgio Ricardo Martos Evangelista
Nelson Lapa

Araraquara

José Carlos Monteiro
Sérgio Medici

Baixada Santista

Maria Pia Woelz Prandini
Alessandro Bruscki

Bauru

João Henrique Ferreira
Ricardo Prado Pires de Campos

Bragança

Bruno Márcio de Azevedo
Carmen Natalia Alves Tanikawa

Campinas

Carlos Eduardo Ayres de Farias
Fernanda Elias de Carvalho

Franca

Christiano Augusto Corrales de Andrade
Alex Facciolo Pires

Guarulhos/Mogi das Cruzes

Carlos Eduardo da Silva Anapurus

Renato Kim Barbosa

Itapetininga

José Roberto de Paula Barreira
Célio Silva Castro Sobrinho
Jundiaí

Mauro Vaz de Lima
Fernando Vernice dos Anjos

Litoral Norte

Alexandre Petry Helena
Darly Viganó

Marília

Jess Paul Taves Pires
Luiz Fernando Garcia

Osasco

Fábio Luis Machado Garcez
Wellington Luiz Daher

Ourinhos/Botucatu

Renata Gonçalves Catalano
Luiz Paulo Santos Aoki

Piracicaba

Sandra Regina Ferreira da Costa
José Antonio Remédio

Presidente Prudente

Fernando Galindo Ortega
Ribeirão Preto

José Ademir Campos Borges
Daniela Domingues Hristov

Santos

Daurly de Paula Júnior
Daniel Gustavo Costa Martori

São Carlos

Neiva Paula Paccola Carnielli Pereira
Denilson de Souza Freitas

São José do Rio Preto

Wellington Luiz Villar
Júlio Antonio Sobottka Fernandes

Sorocaba

Rita de Cássia Moraes Scaranci Fernandes
Gustavo dos Reis Gazzola

Taubaté

José Benedito Moreira
Daniela Rangel Cunha Amadei

Vale do Ribeira/ Litoral Sul

Guilherme Silveira de Portela Fernandes
Luciana Marques Figueira Portella

São João da Boa Vista

Donisete Tavares Moraes Oliveira
Sérgio Carlos Garutti

Tribunal de Contas

Leticia Formoso Delsin Matuck Feres
Rafael Neubern Demarchi Costa

Marcio Sérgio Christino
Ana Carolina Gregory Villaboim (colaboradora)

A MÁFIA

1ª EDIÇÃO



Associação Paulista do Ministério Público
São Paulo
2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Christino, Marcio Sérgio

A máfia / Marcio Sérgio Christino ; Ana Carolina Gregory Villaboim (colaboradora). -- 1. ed. -- São Paulo : Associação Paulista do Ministério Público, 2016.

Bibliografia.

1. Crime organizado 2. Máfia 3. Máfia - Itália - História I. Villaboim, Ana Carolina Gregory. II. Título.

16-07209

CDU-343.341

Índices para catálogo sistemático:

1. Máfia : Crime organizado : Direito penal
343.341

ISBN: 978-85-86013-61-4

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – 2016

Composição e editoração gráfica: Departamento de Publicações da APMP
Rodrigo Vicente de Oliveira (encarregado), Marcelo Soares (diagramador)

Edição e assistência de produção: Assessoria de Imprensa da APMP
Dora Estevam, Marcos Palhares, Paula Dutra (jornalistas)

Capa: Marcelo Soares

Infografia: Reprodução de imagens pesquisadas na Internet.

Supervisão: Diretoria da APMP

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
---------------------------	---

CAPÍTULO 1

Os homens de honra

Ensaio sobre a Máfia e a origem do crime organizado

- 1º DE FEVEREIRO DE 1893	15
- 23 DE MAIO DE 1992	16
- SICÍLIA	16
- A MÁFIA CHEGA AO PODER	20
- A ERA NEGRA	22
- O RESSURGIMENTO	26
- A NOVA MÁFIA	29

CAPÍTULO 2

A Máfia em guerra

O crime organizado, sua evolução, conflitos e adversários

- PRIMEIRA GUERRA	36
- NOVA COMISSÃO	40
- O CLÍMAX	45

- A MÁFIA MATA UM GENERAL	51
- A MÁFIA ENCONTRA UM ADVERSÁRIO	52

CAPÍTULO 3

A Máfia em guerra

Os ‘Homens de Honra’ e o ‘Adeus à Máfia’ na década de 1980

- MAXI PROCESSO E A MORTE DE FALCONE	59
- TOMASO BUSCETTA	61
- A PRISÃO DE KO BAK KIM	62
- A PRISÃO DE BUSCETTA	63
- MAXI-PROCESSO	64
- REENCONTRO COM BUSCETTA	65
- MOMENTO CONTURBADO	65
- AFASTAMENTO DE FALCONE	66
- VEREDITO NO MAXI PROCESSO	67
- A MORTE DE GIOVANNI FALCONE	68
- A MORTE DE BORSELLINO	70
- PÓS-MORTE DOS MAGISTRADOS	72

BIBLIOGRAFIA	75
---------------------------	-----------

SOBRE OS AUTORES	79
-------------------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

TEMA ATUAL, RELEVANTE E PREOCUPANTE

O nível de organização e poder alcançado pelo crime organizado no Brasil, nas últimas décadas, tornou-se uma de nossas principais mazelas sociais e motivo de insegurança e preocupação permanente para a população. Tem sido, por isso mesmo, alvo constante do trabalho de promotores e procuradores de Justiça, que trabalham em conjunto com o Poder Executivo, as polícias e o Judiciário para enfrentar esse grave problema.

No Estado de São Paulo, entre as várias facções existentes, é o grupo Primeiro Comando da Capital (PCC) que há mais de 15 anos recebe todos os holofotes, liderando ações criminosas de grande repercussão, organizando rebeliões em presídios e ataques à sociedade. Cogita-se, atualmente, que seus tentáculos já tenham se estendido para outros Estados e, em sua atuação especificamente no narcotráfico, atravessado fronteiras estrangeiras.

A avaliação é do procurador de Justiça Marcio Sérgio Christino, considerado referência mundial para falar sobre crime organizado, devido às suas atividades, no início dos anos 2000, junto ao Grupo de Atuação Especial de Combate

ao Crime Organizado (Gaeco) - e também, por designação da Procuradoria-Geral de Justiça (PGJ), especificamente nas investigações sobre o PCC. Atuou também nos casos dos atentados de maio de 2006, em São Paulo, e do sequestro do jornalista Guilherme Portanova, da TV Globo, naquele mesmo ano.

Muito nos honra, portanto, que Marcio Christino seja o 1º vice-presidente da Associação Paulista do Ministério Público (APMP) e, também, membro do Conselho Superior do Ministério Público (CSMP). Em maio de 2016, quando os atentados sofridos na Capital e no Interior de São Paulo completaram dez anos, Marcio Christino foi procurado para falar sobre o assunto por veículos da grande imprensa como o jornal Folha de S.Paulo e a TV Folha, a TV Bandeirantes, a Agência Brasil e o portal G1 (da Rede Globo), entre outros. Já havia concedido, antes, entrevistas sobre o crime organizado no Brasil, realizadas na Sede Executiva da APMP, para o jornal norueguês Dagens Naeringsliv e para as emissoras internacionais BBC e Sky News. O 1º vice-presidente da APMP também é autor do livro “Por dentro do crime”, da Editora Escrituras. E agora publica nova e interessante obra sobre o tema.

Dessa vez, detalhando as origens do crime organizado na personificação da Máfia italiana, surgida na Sicília e exportada para os Estados Unidos, seu crescimento e fortalecimento, suas guerras internas, os líderes mais proeminentes e a mobilização do poder público para desbaratá-la no início dos anos 1980. É um trabalho essencial para que possamos entender a estrutura de organização que os criminosos utilizam ainda hoje, em facções como o PCC. Por ser um tema atual, de grande importância e objeto de interesse de muitos cole-

gas e de toda a sociedade, a APMP tem orgulho em publicar este livro.

Parabéns a Marcio Christino e à promotora de Justiça e à co-autora, Maria Carolina Gregory Villaboim. É um trabalho relevante e muito esclarecedor. Uma boa leitura a todos!

Felipe Locke Cavalcanti

Presidente da Associação Paulista do Ministério Público

VISÃO REAL FILTRADA DOS MITOS

A falta de compreensão quanto ao fenômeno do crime organizado, suas origens e o momento em que foi reconhecido como tal motivaram a produção deste texto. Nossa ideia é fazer com que o leitor tenha um conhecimento definido da maior organização criminosa do mundo, sua formação, sua atuação, as mudanças que sofreu e, efetivamente, qual é a sua grandeza e poder, respondendo as grandes perguntas e desfazendo mitos a respeito.

O projeto prevê ainda textos semelhantes em relação à Máfia Japonesa (“Yakuza: a Máfia do Sol Nascente”), Máfia Chinesa (“Tríades: os Novos Dragões”) e Máfia Russa ou Máfia Vermelha (“Vory v Zakone: os Czares do Crime”), formando assim as quatro irmãs que dominam o crime no mundo.

A visão real filtrada dos mitos que envolvem estas organizações se mostra às vezes mais interessante e rica do que os mitos que a envolvem.

Marcio Sérgio Christino
Procurador de Justiça

UMA FACÇÃO TÃO ANTIGA QUANTO A HISTÓRIA DA PRÓPRIA ITÁLIA

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão à Associação Paulista do Ministério Público por transformar anos de estudo e pesquisa em uma publicação, que será distribuída aos colegas desta instituição onde aprendi a amar o trabalho contra o crime organizado nos anos que trabalhei no Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco).

As linhas que se seguem são fruto dessa paixão, que surgiu pelo combate e, principalmente, pelo entendimento desta modalidade de organização, que ameaça gravemente a democracia pela sua capacidade e potencialidade de minar e desestabilizar o Estado Democrático de Direito.

Foi então que decidimos, eu e meu colega Márcio Cristiano, que a melhor forma de entender o que acontecia naquele momento em nosso país era estudar a mais notória organização criminosa do mundo. Desenvolvemos este trabalho, que agora podemos dividir com você, leitor, para demonstrar o “modus operandi” das máfias italianas, nesta obra baseada

em relatos verídicos, apoiados em documentos, entrevistas e depoimentos coletados de livros de todas as partes do planeta. Uma facção tão antiga quanto a história da própria Itália, que ao longo de sua trajetória se expandiu, atravessou fronteiras, diversificou seus negócios e se alternou em influência e importância.

Ana Carolina Gregory Villaboim

Promotora de Justiça

Capítulo 1

Os ‘Homens de Honra’ - Sobre a **Máfia** e a origem do crime organizado

Palermo, capital da Sicília, 1º de fevereiro de 1893. Emanuele Nortarbartolo de San Giovanni, aristocrata conhecido por sua incontestável moral, ex-presidente da Câmara de Palermo e ex-diretor-geral do Banco da Sicília, é esfaqueado e morto por dois ferroviários. O mandante: Raffaele Palizzolo, nobre deputado, mentor de obras sociais diversas e, afirma-se, membro da **Máfia**. Não foi nesta data que a **Máfia** nasceu, muito menos que se iniciou pela primeira vez uma investigação sobre tal “fenômeno”, mas sem dúvida foi ali que a **Cosa Nostra** atingiu sua maturidade. E daí em diante nada seria como antes.

1º DE FEVEREIRO DE 1893 - Fica marcado o dia em que, pela primeira vez, a **Máfia** sinalizou que ninguém estaria além de seu alcance e que sua ambição era voraz. A data do primeiro “honorável cadáver”.



Jornal notícia a morte de Nortarbartolo

Raffaele Palizzolo, o mandante do crime

23 DE MAIO DE 1992 - Morre em um atentado o juiz Giovanni Falcone, um dos maiores, senão o maior, investigador da Máfia de todos os tempos. Quase um século depois da morte de Emanuele Nartarbartolo, surge outro emblemático “honorável cadáver”. O que une os dois crimes? Que entidade mantém tanto poder durante tanto tempo? O que existe de verdade nos termos **Máfia** e *Cosa Nostra*?

SICÍLIA - Espremida entre o Sul da Itália (e do continente europeu) e o Norte da África, encontra-se a ilha da Sicília, com relevo árido e acidentado em seu interior e terra mais fértil na costa litorânea. Nada diria que viesse a se tornar o berço da maior organização criminosa do mundo. Originalmente conhecida como Sicânia, a Sicília sempre foi uma presa de conquistadores, quer aqueles que viessem da Europa (romanos, espanhóis) ou pelo Sul, através da África (árabes). Como resultado, criou-se uma etnia própria, diferente dos habitantes do continente e da hoje conhecida Itália. De

qualquer forma, é a ponte entre a Europa e a África e um prêmio a quem quisesse dominar uma ou outra conforme a situação histórica.

A diferença étnica, idiomática e geográfica fez com que os então sicanos não fossem identificados

A ilha da Sicília tem relevo árido e acidentado em seu interior e terra mais fértil no litoral



como seus irmãos do continente e isto, no mínimo, deu origem a um forte preconceito não disfarçado até hoje.

Muito embora fosse um povo constantemente invadido, isto não significa que fosse constantemente dominado. O próprio termo **Máfia** deriva de um termo árabe, *mafia*, com o sentido de “refugiado” (ou “escondido”). Data aproximadamente do século IX, quando a Sicília tinha sido alcançada pela expansão Islâmica, o que nos dá bem o sentido de sua origem.

Soma-se a tal contexto o fato de que o relevo interior da Sicília mostra-se adequado ao uso de guerrilhas ou, mais especialmente, de bandos que tinham ótimas condições de pilhar e depois esconderem-se sem muitas preocupações. Quase sempre as comunidades do interior viam-se isoladas e mantidas com poucos recursos de comunicação. O que podiam esperar do Estado (nesta época representado quase sempre pelos invasores ou seus prepostos, já que no território estes ocupavam-se quando muito da gerência) era a taxação de impostos ou qualquer outra forma de exploração.

A formação de sólidos vínculos na unidade social básica, a família, é consequência natural desta situação. E a interligação entre famílias, com a intenção de fortalecer a comunidade, também. Este é um dos traços naturais mais típicos não só do siciliano, mas especialmente dos chamados mafiosos. Suas principais consequências são vistas até hoje: a *omertà* (silêncio obstinado), a moral conservadora, a lealdade etc.

Foi assim que surgiram as chamadas *cosche*, no singular *cosca*, núcleos os quais deram origem às famílias mafiosas tais como hoje as conhecemos.

Todo este caldo, onde se misturam condições geográficas, políticas, sociais e econômicas, favoreceu o surgimento da **Máfia** como um fenômeno criminoso. Inicialmente, surgiu como uma alternativa da população ao poder do Estado, ao qual não reconheciam. Sempre se podia apelar para a *cosca* quando alguém se sentia injustiçado ou quando a necessidade de vingança pela honra se fazia sentir.

Com o passar do tempo, a evolução econômica, o fim das invasões e a criação de um Estado, mesmo que não isoladamente siciliano, a existência das *coscas* ou a necessidade de um recurso alternativo de força não foi afastado. Os bandos criminosos continuaram existindo e não havia propriamente uma força capaz de fazer frente a tais grupos, especialmente porque seria necessária uma grande concentração de força para ocupar-se a ilha. Ninguém estava disposto a tanto, muito menos mostrava-se como agradável uma ocupação maciça, fosse de que parte fosse.

Nasceu, pois, o manutengolismo. *Manutengoli* era a elite econômica, quer grandes proprietários rurais, quer proprietários de minas ou quem quer que estivesse no topo a pirâmide social. A solução foi simples: o *Manutengoli* permitiria aos criminosos o uso de suas terras, forneceria mantimentos e, sobretudo, informações. Por outro lado, o criminoso não praticaria nenhum ato de hostilidade contra seu protetor. E, mais ainda, poderia eventualmente atacar os inimigos de seu protetor,

matando, sequestrando, roubando ou destruindo a propriedade de quem lhes fizesse frente.

Vê-se, portanto, que a sociedade da época evoluiu de uma estrutura originalmente fruto de agressões externas para, depois, estratificar-se em uma classe social de caráter opressivo e criminoso, dando origem ainda a uma vinculação promíscua onde a exploração criminosa, a violência e a omissão conveniente do Estado tornaram-se o padrão de uma elite social notoriamente corrupta.

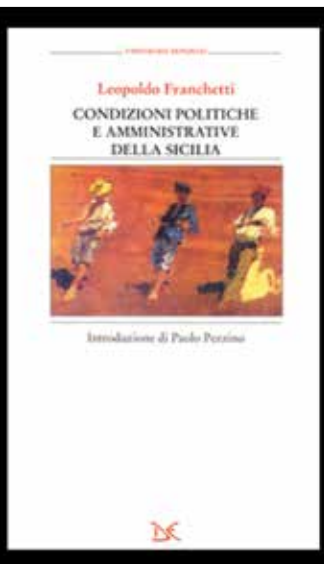
A degradação e a violência chegaram a tal ponto que, em 1876, o recém-criado Estado Italiano enviou para a Sicília um deputado do parlamento toscano, Leopoldo Franchetti, cujo objetivo era fazer um relatório sobre a situação local apurando o que de fato acontecia.

Franchetti elaborou o seu *“Condizioni Politiche e Amministrative della Sicilia”*, concluindo, pois, não pela existência de uma ou várias organizações criminosas, mas sim o que chamou de “comportamento mafioso”, definindo-o como o modo pelo qual qualquer pessoa faz respeitar seus direitos abstraindo-se dos meios que adota para este fim.

Nos parece claro que Franchetti viu apenas o resultado de uma situação complexa e não tinha recursos para ir mais longe, até porque a evolução de uma classe econômica poderosa não fica ao largo do poder político que vem a obter.



Franchetti foi à Sicília e elaborou relatório



Edição recente do
livro publicado
em 1876

A MÁFIA CHEGA AO PODER -

Nesta primeira fase, vemos a **Máfia** ainda permeada de valores quase medievais. Sua atividade criminosa voltava-se para dentro da própria Sicília e basicamente consistia em sequestros, extorsões (principalmente as taxas de proteção), homicídios por questões de honra, vingança, interesse econômico ou simplesmente por encomenda, o **abigeato** (furto de animais), o contrabando etc. Estas atividades possuíam um caráter rural, no interior da ilha, onde os bandos criminosos reinavam.

Com a concentração de dinheiro e de poder nas mãos dos *Manutengolo*, e com a unificação da Itália, vemos que o eixo se transporta com igual força para os centros urbanos da ilha, notadamente Palermo, a qual se tornará célebre não como a capital, mas também como a fronteira de grandes embates entre grupos mafiosos ou entre o Estado e a **Máfia**.

Questão de tempo até que esta “classe” criminosa veja-se nas rédeas do poder do Estado recém-criado e perceba que o verdadeiro tesouro não está somente nos delitos “clássicos” de então, mas, sim, em algo verdadeiramente lucrativo e muito menos visível. E, portanto, de difícil repressão: a exploração do Estado.

Tornando-se parasita, a **Máfia** ocupa cargos, dirige instituições, controla bancos, infiltra-se na polícia, ou seja, estende seu front até onde

lhe seja possível ou conveniente para obter lucro. Esta transformação obviamente não foi súbita e muito menos planejada, aconteceu simplesmente de modo natural, havendo a **Máfia** conquistado espaço e abrindo-se um campo totalmente novo com a unidade italiana e a súbita autonomia política de província. Foi inevitável que a elite viesse a ocupar tais postos, levando com ela o que tinham de melhor e de pior.

Também neste momento vemos a fusão dos **Manutengolo** e dos bandos criminosos, acabando por muitas vezes a fundirem-se em uma figura única, concentrando ambas as facetas de uma mesma moeda no mesmo personagem. Claro está que a **Máfia** não pode ser tomada como uma entidade que permaneceu imutável durante o tempo. Muito pelo contrário, o sentido de sua sobrevivência foi justamente a capacidade de mudar, evoluindo substancialmente em conteúdo e forma, mantendo porém uma identidade inconfundível.

O homicídio de Emanuele Nortarbartolo é carregado de significado. Havendo contrariado os interesses de Raffaele Pallizolo nos negócios públicos, culmina por morrer à mando deste. Ambos são políticos de estatura na ilha e, até aquele momento, não houvera ocorrido semelhante crime em função do envolvimento nas negociatas da **Máfia**. Sem dúvida, foi o ápice de um processo secular e deixou claro que a atividade criminosa entranhara-se na gerência pública e que defenderia seu domínio mesmo que tivesse de usar os mesmos métodos que antes usara para dominar o interior da ilha.

Este novo perfil tinha como força ainda o controle das *borgate* (favelas), às vezes pelos *campieri*, obtendo aí os votos com os quais conseguem fixar-se no legislativo provincial. É esta rede que se mostra madura e foi por tal razão que Franchetti foi mandado à Sicília para a elaboração de seu relatório. Mesmo que o relatório de Franchetti tenha logrado uma mudança nas alianças políticas de então, a estrutura continuou a mesma até depois da virada do século. Curioso notar que muito embora Palizzolo tenha sido primeiramente condenado veio a ser submetido a novo julgamento e depois absolvido. Um modelo que continua a ser empregado séculos depois, com o mesmo sucesso.

Mas a **Máfia** estava prestes a enfrentar um novo inimigo, algo completamente diferente e potencialmente mortal, alterando o núcleo da estrutura social e provocando o desequilíbrio de um sistema que envolvia uma classe criminosa e um Estado conivente. Surge um novo movimento, o

fascismo. E a ameaça tinha nome: Benito Mussolini, o *Duce*, e seu braço direito: Cesare Mori, o “Prefeito de Ferro”.

A ERA NEGRA

- 23 de outubro de 1925. Benito Mussolini nomeia Cesare Mori como governador civil de Palermo (sua autoridade alcançava toda

Visita de Mussolini à Sicília, em 1924: a Máfia cometeu um erro e pagou caro por isso



a Sicília), com poderes especiais para combater a **Máfia**. Não era a primeira vez que a **Máfia** via-se diante de um inimigo praticamente “estrangeiro” (entendendo-se como não siciliano), disposto a estender sua mão sobre a ilha. Como em toda a história daquele povo, seria apenas mais um a ser vencido pelo tempo e pela estratégia.

Mas a **Máfia** tinha cometido um erro. Em 1924, Mussolini havia visitado a ilha e fora apresentado a um dos chefes locais da **Máfia**, Don Ciccio Cuccia. Quando Don Ciccio viu a guarda que cercava o **Duce**, afirmou-lhe que Mussolini nada deveria temer ali e avisou aos homens que lhe acompanhavam: “Sua Excelência não terá nada a temer enquanto estiver ao meu lado”. E em seguida, para os homens que o acompanhavam: “Ninguém tocará em um fio de cabelo da cabeça de Mussolini. Ele é meu amigo e um dos melhores homens do mundo!”

Em seguida, Don Ciccio permitiu que apenas um grupo de miseráveis e bêbados ouvisse o discurso de Mussolini. Quando o ditador voltou para Roma, sabia que o recado fora claro: fosse ele quem fosse, seriam os **capos** quem teriam o poder na Sicília. Foi um erro pelo qual pagariam caro.

Cesare Mori mostrou ser muito mais perceptivo que Franchetti. Não lhe escapou que a **Máfia** não poderia ser combatida com os meios usuais, utilizando-se de policiais ou guardas particulares e muito menos poderia restringir-se ao meio urbano, tendo que enfrentar as mesmas dificuldades que

Cesare Mori,
chamado de
‘Prefeito de Ferro’



os antecessores em sua situação enfrentaram e perderam.

Não foi iludido com o conceito de que a **Máfia** era “um modo de vida” ou um conceito moral, como tanto pareceu a Franchetti. Muito pelo contrário, entendeu os valores “mafiosos” e passou a tê-los como modelo, buscando assim ser respeitado e vencer dentro deste próprio e particular universo. É assim que primeiro articula um acordo e depois uma traição, ameaças e, finalmente, o confronto.

Dois meses depois da chegada de Mori à Sicília, Don Ciccio já amargava a prisão. Os métodos utilizados por Mori demonstram-se brutais: de 1926 a 1928, são presas 11 mil pessoas. Aos acusados de membros da **Máfia**, eram tomados os bens, os animais eram mortos, as famílias deportadas e as mulheres violadas. Os homens eram molhados com água salgada, amarrados e chicoteados. Os choques elétricos também eram utilizados na época, principalmente nos genitais. Comum também era o uso de um funil, o qual era colocado na boca do indivíduo para encher o estômago com água do mar, causando um inchaço e uma dor violenta.

Mesmo aqueles que refugiavam-se no interior da ilha, já famoso pelo relevo acidentado que outrora se mostrara eficiente, eram alcançados. As famílias, tomadas como reféns, forçavam o retorno dos *mafiosi*, os quais então encontravam seu destino. O índice de criminalidade declinou violentamente, especialmente o homicídio, com uma queda de aproximadamente 90% em 1928. Mori sitiou cidades inteiras e muitas vezes forçava ser

saudado como se fosse um César. Administrava um poder quase irrestrito e que tinha sua fonte no próprio Mussolini.

O ápice da campanha do “Prefeito de Ferro” foi a prisão e morte de Don Vito Cascio Ferro, à época o maior líder da organização mafiosa. Após a morte de Don Vito, a campanha foi dada como encerrada; os poucos mafiosi restantes declararam-se fiéis a Mussolini e a organização quase desapareceu.

Havia razões para se considerar a morte de Don Vito como o marco final da campanha de Mori: ele encarnava todos os valores inerentes ao mafiosi. Tido como figura honrada e fisicamente impressionante, institucionalizou o chamado pizzo em toda Sicília, para qualquer atividade. Também foi o primeiro grande *capo* a visitar os Estados Unidos e, suspeita-se, o primeiro a fazer uma ponte criminosa entre estes países, tendo enviado um de seus homens, Salvatore Maranzano, para tentar dominar a máfia ali existente e colocá-la sob suas ordens.

Foi preso por Cesare Mori e mantido no cárcere até sua morte, pouco depois do declarado fim da campanha antimáfia. A bravata de Don Ciccio Cuccia em 1924 custou-lhe a vida e o quase extermínio da **Máfia**. Pela primeira vez em séculos, um adversário pôde declarar-se vencedor.

A herança de Cesare Mori teve vários aspectos. Escreveu um livro, “*Con la Mafia*”, e fixou um conceito perfeitamente aplicável às modernas organizações criminosas, afirman-

Vito Cascio Ferro:
preso e morto
por Mori



do constituir-se a **Máfia** de uma entidade com estatutos, funções, regras de admissão e chefes, capaz de impor sua vontade, dividindo lucros de acordo com a hierarquia e, especialmente, “um estado em potencial, o qual normalmente toma a forma concreta de uma oligarquia local, fortemente entrelaçada, porém cada um em seu próprio distrito”.

Além de uma visão objetiva da **Máfia** como organização criminosa, a era negra trouxe consequências inesperadas. A maior delas foi a imigração de muitos mafiosi para os Estados Unidos, gerando uma forte transferência da própria organização criminosa para aquele país, o que veremos mais a frente.

Também a opressão geral causou um forte sentimento de simpatia da população para com a **Máfia**, até porque Mori nem sempre buscava atingir somente os mafiosi, mas também todos aqueles que pudessem opor-se de qualquer forma ao regime fascista do *Duce*. Podemos afirmar que sob o manto da perseguição a criminosos escondia-se também, e em certo grau, a repressão política. Cesare Mori morreu em 1942, ainda sob a proteção de Mussolini. Não viu o retorno da **Máfia**, que viria após a Segunda Guerra Mundial. Desta vez mais forte e, sem dúvida, mais cruel.

O RESSURGIMENTO - O fascismo de Mussolini bem demonstrou ser o maior inimigo da **Máfia** em sua história. Não obstante, como força política, estava fadado ao fracasso. O início vitorioso do que se convencionou chamar as forças do Eixo, a Segunda Guerra Mundial, terminou varrendo as



forças fascistas e Mussolini teve seu fim trágico, executado por seus próprios compatriotas e pendurado em praça pública. Com certeza, os *mafiosi* não choraram sua morte.

Conforme o já exposto, claro está que a **Máfia** nutria ódio mortal aos seguidores de Mussolini e, portanto, ao fascismo. Eram apoiadores naturais das Forças Aliadas, as quais invadiram a Sicília, libertando-a do domínio alemão que se sobrepôs por um breve período ao desmantelamento das forças fascistas.

Agindo como interlocutores naturais, os mafiosi forneceram todo o auxílio possível aos aliados, informações, sabotagem, apoio logístico etc. Nesta época já iniciava seu caminho um personagem que seria vital para o entendimento da **Máfia** como fenômeno criminoso, Tommaso Buscetta, também chamado Don Masino, o qual, em suas memórias, descreve como se realizavam furtos e

Desembarque das forças americanas na Sicília: os mafiosi foram os principais interlocutores para a reconstrução do sistema administrativo



Tommaso Buscetta,
vulgo Don Masino

alimentavam um florescente mercado negro.

Assim, quando as forças americanas finalmente libertaram a Sicília, foram justamente os *mafiosi* os principais interlocutores para a reconstrução do sistema político e administrativo. De quase aniquilada, a **Máfia** era lançada a um novo período dourado.

Sinal da influência da **Máfia** neste período é o fato de Don Vito Genovese ter servido de intérprete para o Serviço de Inteligência americano e para as autoridades de ocupação, ao mesmo tempo usava destas mesmas conexões e dominava o mercado negro da época. O fato é que as autoridades anglo-americanas entregaram muitas prefeituras para serem geridas pelos *mafiosi*, dando um “corpo” institucional para a atividade criminosa. Este período dura até 1957, quando da instalação da primeira Comissão.

Genovese colaborou
com os americanos



Neste período a atividade criminosa consistiu, além da tradicional (furtos, extorções, homicídios etc.), no contrabando e no mercado negro de cigarros (especialmente). Além, é claro, da exploração do dinheiro público como atividade principal. Devemos lembrar que na época tinha início uma expansão econômica que atingiria toda a Europa. E as relações, não só econômicas mas políticas e sociais, sofreriam grandes mudanças. A **Máfia** as mudaria.

Mais ainda, com a universalização do voto e com a perspectiva de um governo

democrático, a **Máfia** percebeu que poderia manter-se próxima do poder e tendo aprendido a dura lição que tivera com Mori passou a incorporar-se cada vez mais ao espectro político, optando sempre pelos partidos políticos de direita em contraposição à esquerda que também emergia na Itália.

Antes de uma afinidade, percebia o perigo de perder seus privilégios frente a uma nova sociedade de classes. E, ao mesmo tempo, era vista com leniência quando garantia ao ocidente a impossibilidade de ter cravado em meio à Europa um Estado comunista, o que não é pouco quando se leva em consideração o conflito ideológico e político que se aproximava, a chamada Guerra Fria.

A NOVA MÁFIA - O único testemunho direto da formação da primeira Comissão é dado por um personagem ímpar na história da **Máfia**: Tommaso Buscetta, o Don Masino. A ideia de uma comissão organizadora de todas as Famílias mafiosas pertenceu a um Ítalo-Americano: Salvatore Lucania, ou, como é mais conhecido, Charles “Lucky” Luciano. Neste ponto a história da **Máfia Americana** encontra-se com a velha e tradicional **Máfia Siciliana**. A análise da *U.S. Mafia*, contudo, será feita em item à parte, em função de sua natureza diferenciada.

Na época (final dos anos 1950), a *U.S. Mafia* estava sob ata-

Salvatore Lucania,
o ‘Lucky’ Luciano,
teve a ideia de
organizar Famíglia
em uma Comissão



que do *FBI* e, pretendendo criar uma ponte entre os continentes, enviou Joseph Bonanno, um dos grandes *capos*, líder da Família Bonanno, ligado diretamente a Charles “*Lucky*” Luciano, para que pudesse organizar na Itália uma instituição semelhante e, assim, garantir um interlocutor confiável, capaz de gerenciar a relação entre ambas as organizações. A existência de Famílias independentes e sem vínculo era instável demais para a dinâmica criminosa que se pretendia mostrar. A Comissão da *U.S. Máfia* bem assim o percebeu.

Bonanno viajou para a Sicília e pediu uma reunião com todos os grandes *capos* da época. Existem duas versões para o local onde se realizou a histórica reunião: em geral, todas as referências são feitas ao *Hotel delle Palme*, em Palermo, de propriedade da *Máfia*, onde Bonanno estava hospedado. Buscetta, porém, diverge, afirmando que o hotel fora mera distração e a verdadeira reunião ocorrera em um restaurante de nome *Spanò*, no litoral siciliano.

Joseph Bonanno, um dos grandes *capos*



Nem sempre o depoimento de Buscetta encontra amparo no contexto histórico que o precedeu e que veio a desenvolver-se a partir daquela reunião. Em seu livro-depoimento, nega que Bonanno tenha ido à Sicília com o objetivo de criar uma Comissão ou ainda criar uma aliança entre as *Máfias*; a reunião fora um mero festejo pela presença de um figura nobre como Bonanno, muito embora reconheça que foi durante este encontro que Bonanno sugerira a criação de uma Comissão e

explicasse como tal forma de organização funcionava na América. Nunca se deve esquecer que nesta reunião estava também Charles “*Lucky*” Luciano, então exilado, justamente o idealizador de tal sistema.

Seria por demais incrível que esta mera visita social resultasse na reestruturação da mais complexa e estratificada organização criminosa do mundo. O próprio Buscetta foi forçado, porém, a admitir que, em função do contato com Bonanno, criou-se uma Comissão feita de modo semelhante aquela existente na *U.S. Mafia*. Segundo ainda Buscetta, o modelo adaptado consistia em uma série de Comissões menores, delimitadas pela província da Sicília, onde se encontravam e portanto chamadas provinciais, as quais formavam grupos de três, criando uma circunscrição e cada circunscrição elegeria um representante para a Comissão propriamente dita.

Na sequência do testemunho relata-se o nome dos membros da primeira Comissão: 1) Giuseppe Bartolino, 2) Giuseppe Chiaracane, 3) Salvatore Greco, 4) Calcedonio di Pisa, 5) Salvatore La Barbera, 6) Francesco Sorci, 7) Mariano Marsala, 8) Antonino Salomone, 9) Cesare Manzella, 10) Giuseppe Panno, 11) Mario Farinella, 12) Mario di Girolamo, 13) Nino Matranga, 14) Mariano Troia, 15) Salvatore Manno e 16) Lorenzo Motisi.

Falcone discorda. Para ele, eram apenas 13 os membros da primeira Comissão, excluindo os nomes de Giuseppe Bartolino, Giuseppe Chiaracane, Mariano Marsala e Mario Farinella,

e acrescentando Michele Cavataio, o que cremos ser correto em função do quanto sucederia na chamada “Primeira Guerra” da **Máfia**. Cumpre assinalar que nem todos eram *capos* das respectivas famílias, alguns apenas representantes indicados.

A Comissão tomava suas decisões por voto, sua função primária era julgar os litígios entre as Famílias e bem como tomar decisões que afetassem as famílias como um todo. As decisões eram inapeláveis, pois a Comissão era o órgão máximo, também decretava mortes dentre os próprios mafiosi ou fora da organização - quando convinha a todos, especialmente quando a pessoa a ser morta era de extrema importância, personalidade política, policial ou uma autoridade, delito que é chamado de “excelente”, palavra com o sentido de honorável ou em uma interpretação livre mas precisa “honrado”.

Sem dúvida, a Comissão criou um centro de poder. O que antes era difuso e quase intangível tornou-se subitamente concreto e definido, passível de ser visto e sentido e portanto desejado. Mestres na arte da intriga, da morte e da traição, não tardou que o novo poder e as novas posições viessem a suscitar a cobiça, a inveja e o desejo, o desejo de alcançar o poder máximo e se sobrepôr a toda Comissão, tornando-se *Capo dei tutti Cappi*, o chefe dos chefes.

Seja como for, a fim de atingir este objetivo ou não, antes de se tornar um centro de negociação, a Comissão tornou-se uma arena e o resultado não demorou. Quando veio a guerra

entre as famílias, a **Máfia** mostrou o que tinha de pior em sua face: a morte à traição e os atentados. Os grandes homicídios que se tornaram sua marca registrada. Começou aí seu apogeu. A morte de Emanuele Nortabartolo tornou-se então uma pálida imagem do que seria o emprego da violência pela **Máfia**.

Capítulo 2

A Máfia em guerra - O crime organizado, sua evolução, conflitos e adversários

O crime organizado passou a outro estágio com a ideia de uma Comissão para aglutinar todas as *Famiglias* mafiosas. E é forçoso reconhecer que a criação da Comissão foi a causa das conhecidas “Primeira” e “Segunda” guerras mafiosas, as quais nada mais foram do que ajustes de poder dentro de uma estrutura que perdia o que restava de seu aspecto medieval e ingressava no mundo contemporâneo de maneira abrupta e, por que não dizer, radical.

Não se faz uma revolução sem ganhadores e perdedores. A Comissão era uma verdadeira revolução, pois cerceava parcialmente as iniciativas dos grupos autônomos e começava a mostrar a visão de um verdadeiro “sindicato”, uma empresa do crime que ampliaria a capacidade de atuação de todos em detrimento da perda de uma parcela de autonomia. Porém, não foram poucos os *capos* que viam mais além. Esta perda de autonomia fatalmente iria ser ampliada na inversa proporção em que a Comissão obtivesse sucesso e, devido à coordenação das atividades, tal ganho se afigurava

cada vez mais concreto e evidente. E a Comissão, cada vez mais poderosa.

Se a Comissão ganhava poder, a liderança individual deveria ceder espaço. É certo que em um momento posterior o poder coletivo poderia ser substituído por um único *capo*, como antes já se tentara. Porém, neste momento prevalece a visão da Comissão como grande agenciadora, portanto, se alguém perdeu com a criação de tal organismo foram justamente aqueles os quais individualmente tinham uma posição de preponderância e viam cair seu prestígio e logo sua força.

PRIMEIRA GUERRA DA MÁFIA - Uma análise estrutural indica então que este conflito potencial deveria ocorrer como efetivamente veio a acontecer. São duas as versões mais aceitas sobre o início da “Primeira Guerra” da **Máfia**. Para Salvatore Lupo, a origem regride a um caso específico: as *Famiglias* de Salvatore Greco e Salvatore La Barbera (este junto com seu irmão, Angelo La Barbera), que haviam sido agentes financiadores de um grande comércio de entorpecentes, negócio este sob responsabilidade de outro *capo*, Calcedonio de Pisa.

No desenrolar da negociata, Calcedonio di Pisa teria entregue uma quantia para os Greco e os La Barbera, quantia esta que se afirmou inferior ao que realmente havia obtido de lucro. Acusado perante a Comissão, Calcedonio negou que tivesse ficado com uma parte maior do dinheiro e o colegiado terminou por “absolvê-lo” da acusação.

Os La Barbera, inconformados, teriam executado Calcedonio di Pisa e seu intermediário, gerando um conflito com a família de Salvatore Greco,

da qual eram rivais na cidade de Palermo, capital da Sicília. O conflito então se generaliza, envolvendo de forma direta todos os demais membros da Comissão. Tornou-se patente que a Comissão não conseguiu controlar a situação e tal fato pôs em cheque a própria existência da organização coletiva e ameaçou o regresso a um passado recente. Naquele momento, a situação não permitia semelhante retrocesso e a Comissão se manteve, embora evidentemente enfraquecida.

Outra versão é a proposta por Don Masino (Tommaso Buscetta), que esteve diretamente envolvido no conflito, sendo ligado aos grupos de La Barbera e Greco, de quem era grande amigo. O pano de fundo também era uma questão de negócios, mero subterfúgio para a ação de outras três Famílias, lideradas por Michele Cavataio, Nino Matri e Mariano Troia. Estes três *capos* eram expoentes antes da formação da Comissão e viram seu prestígio (e, portanto, seu poder) declinarem com o funcionamento da nova organização. É inegável, também, que o poder centralizado em suas mãos seria um grande negócio.

Mesmo com a união das três Famílias, uma cruzada contra a Comissão (e, portanto, contra o resto da Sicília) era impensável. A opção foi, como sempre, a

A cidade de Palermo, capital da Sicília, palco da rivalidade entre as famílias La Barbera e Greco





Salvatore Greco,
conhecido por
'Passarinho'

intriga e a maestria na arte do logro: sabedores da pendência entre os La Barbera e Calcedonio, seriam justamente agentes de Cavataio que surpreenderam Calcedonio em uma cilada, matando-o com vários tiros, em uma versão da *lupara* (típico crime da **Máfia**, que não deixa pistas), para em seguida espalhar a informação de terem sido os homens dos La Barbera a assim proceder, ao mando destes.

Como consequência, as *Famiglias* entrariam em guerra, os La Barbera, os Greco e Buscetta (este último ligado a ambos), bem como entre os La Barbera e a Comissão. Cavataio, Matranga e Troia podiam então atacar a todos, matando agentes de ambas as partes, enfraquecendo-os, sem correr qualquer risco. E, a cada morte que se seguia, o outro lado mais buscava vingança e as mortes seletivas aumentavam, de modo a fazer por ampliar as *Famiglias* envolvidas.

No final, o trio restaria intacto e a Comissão esfacelada, fraca e sem autoridade seria por eles controlada. Em junho de 1963, Cavataio, Matranga e Troia tentaram atingir o chefe da Comissão, Salvatore Greco, conhecido por *Cichiteddu* (passarinho), utilizando-se para tanto de um carro bomba detonado por controle remoto.

Não conseguiram matar o famoso *capo*, mas atingiram um grupo de policiais e como resultado sete destes morreram, gerando um escândalo sem precedentes



Cavataio:
entre os 1.900
mafiosos presos

até aquele momento. A Itália já era uma potência ocidental e, sobretudo, democrática. Os meios de comunicação de massa já estavam definitivamente implantados e, portanto, a repercussão de fatos desta natureza possuíam um impacto fortíssimo. O fenômeno da opinião pública não podia mais ser ignorado na era da informação.

Como resultado da revolta pública, o governo Italiano enviou dez mil oficiais de polícia para a Sicília, com os quais a **Máfia** não tinha inicialmente influência. Um grande inquérito foi instaurado e a repressão contou também com a edição de novas leis que previam o exílio de mafiosos. Cerca de mil e novecentos mafiosos foram presos, dentre estes Cavataio, Luciano Leggio e Stefano Bontate.

Antonio Salomone, Buscetta e Salvatore Greco fugiram da Itália. Os dois primeiros vieram para o Brasil, desta forma a Comissão foi praticamente aniquilada pela dispersão, incapaz de coordenar qualquer tipo de atividade. Foi a segunda derrota da **Máfia**, quase 30 anos após a ação de Cesare Mori, mas desta feita dentro de uma sociedade democraticamente constituída.

Esta segunda “fase negra” durou até 1969, quando os **capos** foram todos absolvidos e libertados. Constituíam agora um novo desenho, com uma arquitetura de poder que se restabeleceu com a presença inclusive de lideranças as quais, embora não tão visíveis nas listas de Carlo Falcone e Buscetta, eram indiscutivelmente verdadeiros senhores do poder.

*Salomone foi
um dos que
fugiram da Itália*





Bontate, da *Famiglia* de Santa Maria di Gesù



Salvatore Riina foi quem substituiu Luciano Leggio

NOVA COMISSÃO

- Da desarticulação emergiu uma nova Comissão, na forma de um triunvirato. Para Falcone, o triunvirato se compunha de Gaetano Badalamenti, da *Famiglia* de Cinisi; Stefano Bontate, da *Famiglia* de Santa Maria di Gesù; e Salvatore Riina, da *Famiglia* de Corleone. Alexander Stille concorda, mas Buscetta anota um outro triunvirato, com Luciano Leggio, de Corleone, no lugar de Salvatore Riina.

Não chega a ser propriamente uma contradição. Riina ocupava um posto imediatamente abaixo de Luciano Leggio e culminou por sucedê-lo em pouco tempo (tendo Leggio sido preso em 1974) e perdendo a influência sobre a família de Corleone. A *Famiglia* Corleone merece uma atenção especial. Originária da cidade com o mesmo nome, ao Sul da cidade de Palermo, mas ainda dentro desta província, gerou uma linhagem de mafiosi extremamente violentos, ao mesmo tempo em que se mostravam hábeis estrategistas.

Luciano Leggio chegara ao poder na Família após uma feroz luta com o *capo* anterior, Michele Navarra. Navarra era o *mafiosi* típico, com conexões políticas e seu *staff* de sicários prontos a obedecer-lhe. Leggio não se intimidou. Inicialmente trabalhou com e para Navarra mas depois ambiciona e toma o poder. A luta culmina com um violento tiroteio envolvendo quase 80 pessoas e termina com o fuzilamento de Navarra em uma cilada. Assim, muito embora Navarra tivesse à sua disposição uma estrutura muito maior, foi dominado

por Leggio, cuja ferocidade e capacidade de ação inverteu o processo e o levou ao poder.

Mas já em 1969 Leggio estava doente e era foragido. Sua influência era grande, mas não se sabe até que ponto ou em que momento a transição do poder derivou de Leggio para Riina, fato que somente se tornou patente com a prisão de Leggio em 1974. Supomos ser desta época a estratégia elaborada pelos Corleone para dominar completamente a Máfia Siciliana e obter a prevalência sob todos os demais. Foi o que redundou na chamada “Segunda Guerra” da Máfia.

Após atritos gerados deliberadamente pelos Corleone, mais precisamente por Salvatore Riina, resolve-se dissolver o triunvirato e instalar-se uma nova Comissão. É Falcone quem a enumera: 1) Gaetano Badalamenti, da *Famiglia* de Cinisi; 2) Luciano Leggio, da *Famiglia* de Corleone; 3) Antonino Salamone, da *Famiglia* de San Giuseppe Iato; 4) Stefano Bontate, da *Famiglia* de Santa Maria di Gesù; 5) Rosário di Maggio, da *Famiglia* de Passo di Rigano; 6) Salvatore Scaglione, da *Famiglia* de Noce; 7) Rosário Riccobono, da *Famiglia* de Partanna; 8) Giuseppe Calò, da *Famiglia* de Porta Nuova; 9) Michele Greco, da *Famiglia* de Ciaculli; 10) Nenè Geraci, da *Famiglia* de Partinico.

Posteriormente, a Comissão se altera. Michele Greco assume a condição de secretário, Salvatore Riina e Bernardo Provenzano assumem o lugar de Luciano Leggio e Rosário



Michele Navarra
foi fuzilado em
uma cilada

Luciano Leggio:
disputa na
Famiglia Corleone



di Maggio e Filippo Giacalone dão lugar a Salvatore Inzerillo, Francesco Madonia, Ignazio Motisi e Gigino Pizzuto, atingindo então o número de 13 membros. A “Segunda Guerra” da **Máfia** excede em importância e complexidade a anterior. É fruto da ascensão de um clã específico: os Corleone (ou Corleonesi = de Corleone). Seu primeiro líder foi Luciano Leggio, depois Salvatore “Totó” Riina e Bernardo Provenzano. O objetivo era o controle total da **Máfia**, tal como Michele Cavataio pretendia, só que desta feita com engenho e estratégia ímpar e violência igualmente assustadora.

Com pelo menos dez anos de antecedência, os Corleonesi iniciaram os preparativos para a destruição de seus adversários, de qualquer pessoa que pudesse fazer frente a sua dominação, dentro e fora da **Máfia**. O primeiro passo foi o estabelecimento de um grupo de executores completamente desconhecidos das demais **Famílias**. Tradicionalmente, a **Máfia** não mantinha (e nem podia manter) a identidade de seus membros oculta dos demais. Muito pelo contrário, eram sempre co-

A cidade de Corleone, ao Sul de Palermo, mas ainda dentro da província, gerou uma linhagem de mafiosos violentos e inspirou ‘O Poderoso Chefão’



nhecidos dentro da comunidade, gozando do prestígio que a posição lhes emprestava. Fazia parte da própria cultura mafiosa.

Leggio inicialmente montou um esquadrão com 14 matadores, com número posterior desconhecido. Homens estes cujo destino se desconhece, mas os quais permaneceram sob o comando de “Totó” Riina e Bernardo Provenzano quando da longa prisão de Leggio. A vantagem residia no fato de que as ações dos Corleone permaneciam invisíveis dos demais, não permitindo um contra-ataque eficiente. E se tornava especialmente eficaz quando o inverso, ou seja, as *Famiglias* que se pretendia eliminar eram totalmente conhecidas. Em parte este subterfúgio decorria do fato de que os Corleonesi eram quase sempre foragidos com prisão decretada, ao contrário dos demais.

Um segundo aspecto do planejamento era muito mais arriscado. Os homicídios eram praticados com o objetivo de trazer a atenção policial para outras *Famiglias* que não os Corleonesi. A manobra era simples: como cada Família dominava um território específico, controlando todas as atividades criminosas ali praticadas, as mortes eram programadas para ocorrer em determinados territórios das *Famiglias* as quais se queria incriminar. As investigações então partiam do princípio de que era a Família que controlava aquele local específico a responsável pelo atentado. Soma-se então o fato de que os assassinos eram desconhecidos para completar a ilusão.

Os Corleonesi contavam ainda com outro recurso: muito embora a “velha” *Máfia* estivesse

em plena atividade no tráfico de entorpecentes, este comércio não era aceito como tradicional, sendo lícito pois que cada membro de cada *Famiglia* podia agir como quisesse. Foi desta forma que lograram penetrar dentro do próprio “corpo” de outras *Famiglias* e, assim, tomá-las para sua área de influência, infiltrando-se, conseguindo as informações que julgassem convenientes e mantendo prováveis rivais.

Antes, porém, de consolidarem os planos de execução de toda a “Velha Guarda” da **Máfia**, os Corleonesi trataram de isolar e enfraquecer seus maiores adversários, dominando as *Famiglias* mais fracas até alcançar uma posição de tal supremacia que não pudessem ser questionados. Fazia parte deste desgaste as execuções de policiais ou outros *mafiosi* sem autorização da Comissão, mostrando a ausência de poder de seus opositores para depois matá-los. Providenciavam, no entanto, uma falsa justificativa e, através da própria Comissão, justificavam suas atitudes enfraquecendo a oposição.

E quem eram os opositores? Os Corleonesi temiam especialmente Stefano Bontate, *capo* da *Famiglia* de Santa Maria de Gesù, e Salvatore Inzerillo, *capo da Famiglia* de Passo di Rigano. Os fiéis da balança eram Giuseppe “Pipo” Calò e Rosario Riccobono, ambos ligados em um primeiro momento a Bontate e Inzerillo ou, pelo menos, inicialmente não subservientes aos Corleonesi, que contavam ainda com o apoio da *Famiglia* de Ciaculli, cujo *capo* era Michele Greco.

Tommaso Buscetta era fiel amigo de Stefano Bontate, embora nominalmente estivesse na *Fami-*

glia de Pio Calò. Antonino Salamone, da *Famiglia* de San Giuseppe de Lato, muito embora apoiasse a facção de Bontate, mantinha-se em posição neutra. Dentro deste contexto, existia a previsão de combate a um outro adversário: o Judiciário e a Polícia. A estratégia neste caso baseava-se na sólida posição política que os Corleonesi antecipadamente se colocaram, com o domínio, por exemplo, da Prefeitura de Palermo. Partia-se do pressuposto da violência como elemento de dissuasão, somado à manipulação política, de modo a impedir qualquer avanço das instituições públicas contra a **Máfia**. Como veremos depois, não foi tão eficiente quanto se pensou.

O CLÍMAX - Em 30 de maio de 1978, finalmente o plano começou a ser colocado em execução. O primeiro a tombar foi Giuseppe Di Cristina, membro da Comissão, *capo da Famiglia* de Riesi, foi emboscado e morto à tiros. O local da morte ficava em uma área dominada pela *Famiglia* de Salvatore Inzerillo, de quem a polícia inicialmente suspeitou. No dia 30 de setembro do mesmo ano foi a vez de Giuseppe Calderone, o “Pipò”, ligado a Stefano Bontate e Tommaso Buscetta. Calderone fora morto por membros de sua própria *Famiglia*, sendo sucedido por Nitto Santapaola. É claro que o substituto de Calderone deixou de apoiar Stefano Bontate e aliou-se aos Corleonesi. Para ambas as ações apresentaram-se supostas justificativas que foram aceitas pela Comissão. Estas duas mortes foram o suficiente para

Giuseppe Di Cristina
foi emboscado
em 1979





Cesare Terranova, membro do parlamento, foi um dos executados em Palermo no ano de 1979

Em janeiro de 1980, foi morto Piersanti Matarella, importante líder do Partido Democra Cristão



que Buscetta e Salamone percebessem o que se aproximava. Stefano Bontate, contudo, ainda hesitou, pensando em matar Salvatore “Totó” Riina, o cabeça de Corleone, no decorrer de uma reunião da própria Comissão. Em 1979, foi morto Michele Reina, líder do Partido da Democracia Cristã na Sicília, obstáculo às pretensões políticas dos Corleonesi; Giorgio Ambrosoli, que investigava fraudes bancárias da **Máfia**; e outras duas pessoas ligadas diretamente à repressão anti-**Máfia**: o chefe de Polícia de Palermo, Boris Giuliano (morte em 21 de julho) e Cesare Terranova, membro do parlamento que estava prestes a comandar o *Ufficio de Investigazione* de Palermo.

Estes homicídios foram praticados por ordem da Comissão, sem que Bontate ou Inzerillo fossem consultados, de modo a humilhá-los e deixar claro que não mais exerciam influência na Comissão. As mortes continuaram: em janeiro de 1980, foi morto Piersanti Matarella,

também importante líder do Partido Democrata Cristão, e o chefe dos Carabinieri, capitão Emanuele Basile. Querendo demonstrar tanta força quanto a *Famiglia* de Corleone, Salvatore Inzerillo manda matar o procurador da República-chefe, Gaetano Costa, o qual, meses antes, expedira vários mandados de prisão contra sua *Famiglia*.

Mas o clímax ocorreu em 23 de abril de 1981. Stefano Bontate, o poderoso *capo* da *Famiglia* de Santa Maria de Gesù e grande obstáculo ao domínio de Salvatore Riina e Bernardo Provenzano, foi fuzilado com tiros de fuzil metralhadora, o conhecido AK-47, dentro de seu carro. Salvatore Inzerillo estava completamente isolado, pensava que tinha tempo, havia feito uma grande venda de drogas para Riina, cerca de 50 quilos de heroína, e o pagamento estava para ser feito. Até que os Corleonesi fossem pagos, tentaria esboçar uma reação. Na verdade, fora uma armadilha: a droga lhe fora entregue para ser vendida nos Estados Unidos justamente para criar uma ilusão de segurança. Inzerillo foi fuzilado quando estava prestes a entrar em seu carro blindado, após uma visita ao apartamento da amante.

O irmão de Salvatore Inzerillo, Santo, tentou ainda um



*Gaetano Costa,
procurador da
República-chefe*

*Boris Giuliano,
chefe de
Polícia de Palermo
(empunhando
a arma):
assassinado em
julho de 1979*





Michele Reina, líder do Partido da Democracia Cristã na Sicília, era um obstáculo aos Corleonesi

armistício, pagando a carga de entorpecente. Após entregar o dinheiro pessoalmente a Riina, foi estrangulado junto com seu guarda-costas. As mortes envolviam também os parentes e membros da *Famiglia* de Bontate e Inzerillo, todos aqueles que pudessem opor

qualquer tipo de resistência eram mortos. Todas estas mortes tinham a assinatura do principal assassino dos Corleone: Giuseppe “Pino” Greco, vulgo “Scarpazzeda”.

“Pino” Greco pertencia ao clã de Michele Greco, porém ligava-se diretamente a Salvatore Riina e Bernardo Provenzano. Sua arma preferida era o AK-47, a mesma utilizada em diversos homicídios. Poucos dias depois da morte de Salvatore Inzerillo, “Pino” sequestrou o filho de 15 anos de Inzerillo e, quando o garoto não se intimidou e disse que iria vingar-se, “Pino” decepou-lhe o braço direito e, em seguida, o matou.

Vieram, então, as traições. Rosario Riccobono, inicialmente simpático a Stefano Bontate, deu refúgio a um dos membros da *Famiglia* Inzerillo, que buscava fugir das seguidas mortes praticadas pelos Corleone. Riccobono o recebeu e em seguida o executou, abandonando o corpo como um tributo de obediência aos novos senhores: a *Famiglia* Corleone.

A guerra era total, parentes e amigos eram mortos. Se um mafioso fugisse e resolvesse voltar, não teria como refugiar-se. Pessoas desapareciam, no que se costumava chamar *lupara bianca* (morte sem corpo), e as demais famílias sucumbiram à fúria de Salvatore Riina e Bernardo Provenzano.

O sucesso fora quase total. As *Famílias* de Bontate e Inzerillo haviam sido aniquiladas. Riccobono tornara-se traidor, assim como “Pipo Calò”, com quem Buscetta pretendia formar a aliança anti-Corleone, mas Bontate também tinha um braço direito e este viria a sobreviver: Salvatore Contorno. Era uma pessoa *sui generis*. De simplicidade intelectual, era dono de um físico extraordinário, reflexos idem e coordenação motora espantosa. Foi graças a estes atributos que sobreviveu ao ataque dos Corleonesi.

Um grupo de assassinos, liderados por Giuseppe “Pino” Greco, vulgo “Scarpazzeda”, o principal matador dos Corleone, localizou Contorno. A emboscada foi armada quando Contorno voltava para casa com seu filho, então com dez anos de idade. “Pino” ocupava uma motocicleta dirigida por um parceiro, ia atrás levando às mãos sua arma preferida: o AK-47. Havia outras motocicletas que lhe davam cobertura.

Contorno desconfiou do movimento, sentiu o perigo e soube que a emboscada estava pronta quando viu pelo retrovisor “Scarpazzeda” e seu Kalashnikov. Imediatamente, abaixou-se so-



Rosario Riccobono:
morto junto com
outros 20

bre o banco do passageiro, protegendo seu filho, enquanto a motocicleta de “Scarpazzeda” passava ao lado do carro e desfechava uma rajada de metralhadora. Espantosamente, Contorno conseguiu, mesmo abaixado, manter o veículo em movimento. Quando a motocicleta fez a volta para uma nova passagem e novos disparos, Contorno empurrou o filho do carro, efetuou uma manobra e sacou de uma pistola calibre 38, desferindo um único tiro, o qual veio a atingir “Scarpazzeda” no peito, jogando-o no chão. Fugiu, então, antes que pudesse ser alcançado.

A estratégia dos Corleonesi foi vitoriosa neste aspecto. Após a última de duas ações, possuíam o completo domínio da Comissão e ninguém mais lhes faria frente. Para garantir também que não fossem traídos no futuro, e sob a idéia de que aquele que trai uma vez pode trair outra, Michele Greco, o secretário da Comissão, convidou a *Famiglia* de Riccobono para um churrasco de Natal. Após o almoço, Rosario Riccobono dormiu a sua habitual “sesta”, até ser acordado por um grupo de matadores Corleonesi. Foi enforcado e seus 20 acompanhantes mortos, todos ao mesmo tempo.

Tommaso Buscetta também não escapou à ira dos Corleone. Estava no Brasil, fora do alcance, mas dois de seus filhos, seu irmão e seu cunhado foram mortos, para que nunca mais voltasse. Nunca se saberá quantas mortes aconteceram e nem como. Muitas ocorreram em circunstâncias de crueldade excepcional até para o padrão mafioso, mas implicaram em um erro estrutural que quebrou um dos vértices da estra-

tégia: a força do Estado. E teve uma consequência inesperada, a quebra do código de conduta que por tanto tempo os protegera e mantivera a integridade da organização.

A MÁFIA MATA UM GENERAL - Com a escalada da violência em Palermo, o governo italiano opta por escolher o General Aberto Dalla Chiesa como o novo Prefeito. Chiesa se notabilizou como o herói da luta contra a organização terrorista conhecida como “Brigadas Vermelhas” que travou com enorme sucesso. Era a escolha lógica para uma situação cada vez mais grave. Assim, em maio de 1982, assumiu a Prefeitura com a missão de se tornar um novo Césare Mori. O General Chiesa começou analisando a situação com cuidado profetizando em uma entrevista: “Acredito que compreendi as novas regras do jogo. O servo poderoso do governo é morto quando duas condições se entrelaçam: ele fica perigoso demais e, ao mesmo tempo, isolado e, portanto, passível de morte.” Até hoje se discute se o governo lhe deu apoio ou não e em qual extensão. Também muito se disse a respeito de uma suposta documentação produzida pelo Presidente do Partido Cristão Aldo Moro. Sequestrado pelas “Brigadas Vermelhas” e morto no cativeiro, teria sido obrigado a contar aos “Brigadistas” qual a extensão da influência da **Máfia** na política italiana e tais documentos teriam sido descobertos por Dalla Chiesa em um dos aparelhos das “Brigadas”. Seja como for, em setembro do mesmo ano, quatro meses depois de assumir o cargo de Prefeito, foi emboscado e morto juntamente com a escolta e

a esposa. Seu carro sofreu uma emboscada de um grupo de motocicletas que os fuzilaram. Um “modus operandi” tipicamente “Corleonesi”.

A MÁFIA ENCONTRA UM ADVERSÁRIO - De um lado da mesa, na sede central da polícia em Roma, em um pequeno apartamento montado especialmente para este fim, estava o homem que parecia um severo diretor de escola. Estatura média-baixa, que não ocultava alguns quilos a mais, cabelos curtos levemente grisalhos e um bigode espesso, assim como as sobrancelhas. O homem não sorria, muito pelo contrário, possuía um ar de seriedade e um tom de voz sombrio. A descrição não correspondia ao ideal de um cinematográfico combatente da **Máfia**.

Do outro lado da mesa estava uma figura fisicamente muito mais impressionante, magro, corpo musculoso, fartos cabelos escuros e ondulados, tez mais morena, olhos levemente oblíquos. Este sim correspondia à figura mítica que se fazia de um *capo*. Ambos conversavam. Era o *capo* quem falava enquanto o diretor fazia anotações meticulosas em um caderno, usando uma série de canetas coloridas, as quais apenas acentuavam seu ar acadêmico. A figura severa pertence a Giovanni Falcone, o espetacular inimigo número um da **Máfia**. Do outro lado o primeiro dos *pentitos*, o conhecido “Don Masino”, Tommaso Buscetta.

É certo que o domínio imposto por Riina e Provenzano encontrou seu apogeu e não se pode negar que tenham sido bem sucedidos em obter o domínio quase total da **Máfia**. As mortes de Bonitate e Inzerillo foram marcos definitivos e nada

parecia elevar-se como obstáculo ao domínio total dos Corleonesi. Mas o adversário que se erguia não pertencia aos quadros da *Cosa Nostra*.

Giovanni Falcone era siciliano, tal como seus adversários na **Máfia**. Este aspecto é diferencial, dado que tanto Cesare Mori, o “Prefeito de Ferro”, quanto os próprios invasores que primeiro levaram à formação da **Máfia** e depois a combateram, eram essencialmente estrangeiros. Pela primeira vez, então, a figura que esgrimia contra a *Cosa Nostra* vinha da mesma Sicília, nascera e crescera em Palermo, sua capital.

Pai funcionário público, família organizada tradicionalmente, tornou-se membro da Magistratura (que na Itália, à época, englobava igualmente o Ministério Público) em 1964. O combate anti-**Máfia** surgiu casualmente, como desafio em sua carreira. Certo é que Giovanni Falcone gozava do

Giovanni Falcone (de barba) e Paolo Borsellino (com o cigarro) começaram a trabalhar juntos e perceberam conexões entre as suas investigações



respeito dos *mafiosi* que chegavam a dizer que ele teria sido um grande *capo* se tivesse optado pela vida criminosa, como vários de seus amigos de adolescência o fizeram. Por estar imerso neste universo permeado pela atividade paralela, Falcone soube entender como ninguém o significado implícito das palavras, dos olhares e das ações criminosas. Talvez ninguém antes entendera tão bem o fenômeno ou o tenha visto tão de perto.

Giovanni Falcone seguiu sua carreira até 1978, quando finalmente chegou a Palermo, começando então a trabalhar no setor de fraudes bancárias. Por esta época passava por uma crise pessoal, tendo sido abandonado pela esposa, que fora viver com outro juiz (na verdade, um de seus chefes). Em 1979, a **Máfia** matara Cesare Terranova, um dos membros da comissão anti-**Máfia**, surgindo então a oportunidade para que Falcone mudasse de setor e passasse a compor o *Ufficio Istruzione de Palermo*, que investigava e preparava os casos para julgamento. Era lá que estava Paolo Borsellino, antigo amigo de Falcone. A dupla Falcone/Borsellino iria demonstrar sua eficácia nos eventos que se seguiriam.

A primeira ação de Giovanni Falcone no Ufficio Istruzione envolvia três grandes *Famiglias* de Palermo: a Inzerillo, a Spatola e a Di Maggio, que estavam sendo acusadas de tráfico internacional de heroína, juntamente com a *Famiglia* Gambino, de Nova York. Ficou conhecido como o caso “Spatola-Inzerillo” de tráfico de heroína. Resumia-se na descoberta de que Rosário Spatola, juntamente com os membros da *Famiglia*

Inzerillo (posteriormente mortos pelos Corleonesi), montavam um esquema de tráfico de heroína juntamente com a Famiglia Gambino (mais precisamente neste momento, com John Gambino), da *US Máfia*, em Nova York.

Em uma gravação telefônica feita nos Estados Unidos, Spatola pede a John Gambino que o ajude no tráfico, pois não contava com a benção dos Corleonesi. Gambino promete ajudar, mas diz nada poder fazer sem contar com a permissão dos Corleonesi. O futuro diria o quanto Spatola errara: com o eclodir da guerra e da morte de Bontate, Gambino vai até Palermo e encontra-se com Riina, selando um acordo. Todos que fugissem da Sicília para Nova York seriam mortos por Gambino, que em troca manterá seus contatos com o tráfico de heroína. Foi em Nova York que o irmão de Salvatore Inzerillo, Pietro Inzerillo, foi morto com a boca cheia e os genitais envolvidos em dólares.

A política de guerra total proposta pelos Corleonesi fazia vítimas rapidamente. O promotor Gaetano Costa, que também investigava a **Máfia**, ficou muito exposto quando assinou os mandados de prisão de vários *mafiosi* então identificados a partir de interceptações telefônicas. Gaetano era chefe da *Procura della Repubblica*, de Palermo, e recebera os mandados de prisão. Os promotores assistentes da *Procura della Repubblica* relutavam em validar os mandados, apesar de Gaetano insistir em que era preciso não demonstrar medo dos mafiosi. Finalmente, o próprio Gaetano Costa assinou os mandados de prisão e assim ficou marcado para morte. O caso Spatola-Inzerillo foi

mandado então para o *Ufficio Istruzione*, onde chegou às mãos de Giovanni Falcone.

Borsellino ficou encarregado das investigações do caso do assassinato de seu amigo capitão Emanuel Basile, exatamente ao mesmo tempo em que Falcone começou seu caso “Spatola-Inzerillo”. Ocorre que, durante essas investigações, Borsellino descobriu que uma das últimas coisas feitas por Basile fora ter procurado, no apartamento de Giacomo Runa’s, em Bologna, cheques e documentos bancários que ligavam seu nome ao de muitos réus presos por tráfico de drogas.

Desse modo, Borsellino notou que entrava no terreno de investigação de Falcone no caso “Spatola”. Assim, os dois amigos começaram a trabalhar juntos e perceberam conexões entre as duas investigações.

Capítulo 3

A Máfia em guerra - Os 'Homens de Honra' e o 'Adeus à Máfia' na década de 1980

No capítulo anterior, vimos o surgimento de Giovanni Falcone, membro da Magistratura italiana, que, no final da década de 1970, tornou-se combatente dos *mafiosi*, como integrante do *Ufficio Istruzione* de Palermo, que investigava e preparava os casos para julgamento. Foi lá que uniu-se ao antigo amigo Paolo Borsellino e juntos passaram a trabalhar na descoberta de conexões suas investigações.

No outono de 1983, Tommaso Buscetta, sua mulher Cristina e seus quatro filhos decidiram mudar do Rio para São Paulo. A chegada dos mesmos estava prevista para a noite de quinta-feira, 22 de outubro daquele ano. Saíram do Rio de Janeiro todos em um só carro. Porém, durante a viagem, resolveram passar a noite num hotel, chegando, então, a São Paulo na sexta-feira pela manhã.

No sábado, Buscetta e Cristina estavam levando sua filha Lisa para a escola, a fim de prestar o exame de admissão,



*Giovanni Falcone
e o amigo Paolo
Borsellino*

*Tommaso Buscetta
com sua mulher,
Cristina*





*Buscetta foi preso
e extraditado
para a Itália*

quando Tomaso parou para comprar um doce para ela e viu-se rodeado por policiais do Rio de Janeiro, que demonstraram estar bem informados sobre todos seus movimentos. A prisão tinha por base a acusação de tráfico internacional de entorpecentes.

“A notícia de minha captura atraiu a atenção das autoridades italianas, e um dia apareceu o juiz [Giovanni] Falcone querendo me interrogar por uma acusação de tráfico de drogas. Mas, na verdade, seu interesse real era a guerra da **Máfia** daqueles anos”, disse Buscetta, que, em 7 de julho de 1984, foi extraditado para a Itália. No Brasil, antes do pedido de extradição da justiça italiana ser atendido, Tomaso se recusou a responder às perguntas feitas pelo juiz Falcone.

Antes de ser entregue às autoridades estrangeiras, Buscetta tentou o suicídio, ingerindo estricnina, um veneno para ratos utilizado em sua fazenda situada em Belém. Infelicidade ou não, Buscetta fora socorrido por uma dose de curare [veneno utilizado pelos índios], que teve o efeito de conter a progressão letal de estricnina. Após sua chegada à Itália, Tomaso ficara preso na sede central da Polícia de Roma, onde De Gennaro e Falcone haviam lhe preparado um pequeno apartamento.

Os primeiros depoimentos diante de Giovanni Falcone não foram fáceis. O juiz inspirava confiança. Tomaso o descrevia como: “...um homem tímido, dotado de um olhar bondoso, que

não tentava parecer um ser superior...”. Tomaso e Falcone tinham seus encontros no apartamento de Buscetta. Os interrogatórios prosseguiram até dezembro, durando cerca de três meses. O juiz Falcone, sozinho, transcrevia pessoalmente as declarações à mão.

MAXI PROCESSO E A MORTE DE FALCONE -

Falcone alertou Buscetta que não podia prometer nada a respeito do seu futuro judiciário, pois na época não havia nenhuma lei que previsse redução da pena aos colaboradores da justiça. Foi através do processo denominado *Pizza Connection* (tráfico de drogas entre Sicília e Nova York) é que Buscetta teve contato com as autoridades norte-americanas, bem como o *Drug Enforcement Agency (DEA)*, que em troca de suas declarações prometera proteger sua família.

Tomaso foi para os Estados Unidos em dezembro de 1984. Com base nas declarações de Buscetta, o Juiz Falcone e seus colegas promotores deram início ao *MAXI PROCESSO*, um processo contra a Cosa Nostra de quantias homéricas: 475 acusados de associação mafiosa. Tomaso voltou à Itália para, em fevereiro de 1986, depor no *MAXI PROCESSO*, no qual fora condenado a 3 anos e 6 meses por formação de quadrilha de tipo mafioso.

Em 23 de maio de 1992, Buscetta recebeu um telefonema de De Gennaro, dizendo-lhe que o juiz Falcone tinha sido assassinado, junto com sua mulher, em Capaci. A respeito disso, afirmou: “...Ao trucidar Falcone, os chefões da *Cosa Nostra* quiseram avisar a todos que ainda estavam vivos e não tinham a mínima intenção de ceder, de render-se diante da força da lei...”.

Falcone e Borsellino foram amigos de infância. Mais tarde, cursaram a faculdade de Direito de Palermo e ambos optaram pela magistratura. No começo de suas carreiras, ambos foram para províncias da Sicília, Borsellino em Agrigento e Monreale e Falcone em Lutini e Trapani.

Borsellino voltou para Palermo no começo dos anos 1970, enquanto Falcone voltou em 1978, trabalhando no setor de corrupção em bancos. Falcone, nesta fase, passava por uma crise pessoal, já que se separou de sua mulher, que estaria indo viver com outro homem (o “juiz-chefe” de Trapani; Falcone era subordinado a ele). Em setembro de 1979, a Máfia matou um membro da Comissão Anti-**Máfia**, Cesare Terranova.

Aí é que começa a história dos *excellent cadavers*.

A partir de então, Falcone teve a oportunidade de mudar do setor de corrupção a bancos para o escritório de investigação onde seu amigo Borsellino estava, o *Ufficio Istruzione of Palermo*, que investigava e preparava os casos para julgamento. O primeiro grande caso da **Máfia** de Falcone: tratava-se de três grandes famílias de Palermo: a Inzerillo, a Spatola e a Di Maggio, que estavam sendo acusadas de tráfico internacional de heroína, juntamente com a família Gambino, de Nova York. Ficou conhecido como o caso “Spatola-Inzerillo” de heroína.

O promotor Gaetano Costa ficou muito exposto quando assinou o mandado de prisão de muitos mafiosos. Logo, para evitar futuros derramamentos de sangue, o caso foi para mesa do

juiz Falcone. O que fora inútil, já que o Procurador da República, Gaetano Costa, foi morto em 6 de agosto.

Borsellino ficou encarregado das investigações do caso do assassinato de seu amigo, o capitão Emanuel Basile, exatamente ao mesmo tempo em que Falcone começou seu caso “Spatola-Inzerillo”. Ocorre que, durante essas investigações, Borsellino descobriu que uma das últimas coisas feitas por Basile fora ter procurado no apartamento de Giacomo Runa’s, em Bologna, cheques e documentos bancários, que ligavam seu nome com o de muitos réus presos por tráfico de drogas.

Desse modo, Borsellino notou que entrava no terreno de investigação de Falcone no caso “Spatola”. Assim, os dois amigos começaram a trabalhar juntos e perceberam conexões entre as duas investigações. Nenhum dos dois tinha a intenção de se tornarem promotores anti-**Máfia**.

TOMASO BUSCETTA - A polícia grampeou o telefone de Ignazio Lo Presti, o que garantiu resultados imediatos. Após poucas semanas do assassinato de Salvatore Inzerillo, Lo Presti recebera uma série de telefonemas de um homem no Brasil, o qual se chamava por “Roberto”, mas que os investigadores rapidamente o identificaram como sendo Tomaso Buscetta, uma figura legendária da **Máfia** siciliana.

Tomaso era conhecido como o chefe dos dois mundos; deixou Palermo durante a “Primeira Guerra”

O capitão Emanuel Basile, que foi assassinado





Salvatore Inzerillo:
na mira de Paolo
Borsollino

O 'coletor
de impostos'
Antonio Nino Salvo



da **Máfia** (em 1969) e mudou-se para os EUA. Buscetta passou a maior dos anos 1970 na prisão, mas após sua soltura, em 1980, restabeleceu-se na América do Sul (Brasil). O mais importante dos grampos feitos no telefone de Lo Presti: Nino Salvo, um poderoso “coletor de impostos”, estava ansioso para arrumar uma volta de Tomaso Buscetta a Palermo, a fim de restabelecer paz entre as famílias mafiosas.

A PRISÃO DE KO BAK KIM - Em abril de 1983, Falcone foi para França interrogar uma importante testemunha, Francesco Gasparini, um italiano que trazia drogas da Tailândia para a máfia em Palermo. Gasparini fora preso no aeroporto de Pans, portando heroína em sua bagagem. Ele já havia estado preso por dois anos. Mesmo sendo um marginal comum, usado pela Máfia, Gasparini podia atualizar o juiz Falcone no caso Spatola (de tráfico de drogas), confirmando que a Sicília vinha importando heroína da Tailândia.

Gasparini voava para Bangkok e recebia a “mercadoria” de um fornecedor chinês chamado “Kim”, entregando, depois, para Gaspare Mutolo em Palermo. Ao mesmo tempo em que Falcone indiciou 14 mafiosos pelo assassinato do general Dalla Chiesa, a polícia italiana localizou o fornecedor referido na Tailândia.

Os cartões postais que Francesco Gasparini recebia de Bangkok eram de Ko Bak Kim, pessoa que somente conhecia

como “Kim”. Os policiais, ao prendê-lo, acharam, sob sua posse, diversos documentos que confirmavam suspeitas anteriores: os endereços de muitos mafiosos, incluindo o que fora preso pelo tráfico, de navio, de 233 Kg de heroína. Desde então, Ko Bak Kim concordou em colaborar com os magistrados, como delator. Enquanto Falcone, juntamente com um colega promotor, foi para Tailândia interrogar Ko Bak Kim.

Neste momento, o Procurador de Justiça Rocco Chinnici, chefe de Falcone, foi brutalmente assassinado.

A PRISÃO DE BUSCETTA - Em 1983, a polícia brasileira finalmente prende Tomaso Buscetta, sob a suspeita de ser o principal coordenador do mercado de cocaína entre Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Europa e EUA. Sofreu torturas dos policiais brasileiros mas, então, recusou-se a falar. Enquanto isso, EUA e Itália requereram sua extradição. Porém, os EUA cederam ao pedido da Itália, já que Buscetta tinha que terminar de cumprir uma pena em seu país natal.

Em Junho de 1984, Falcone chegou ao Brasil com 50 perguntas elaboradas pelos italianos, que deveriam ser feitas a Buscetta por um magistrado brasileiro, sendo que, certo momento, Tomaso olhou para Falcone e disse que demoraria a noite inteira para responder cada pergunta. Foi aí que Falcone teve a intuição de que Buscetta se tornaria uma testemunha do governo italiano.



*Rocco Chinnici,
o chefe de
Giovanni Falcone*



*Tomaso Buscetta
teve extradição
para Itália cedida
porque tinha que
terminar de
cumprir pena*

Falcone voltou para Palermo, enquanto a polícia italiana continuava o processo de extradição de Buscetta. Após alguns dias de sua chegada à Itália, Buscetta pediu para falar com o juiz Falcone. Na primeira conversa, Buscetta alertou o magistrado: “Depois desse interrogatório você nunca poderá se esquecer que estará abrindo uma conta com a **Cosa Nostra**

que se encerrará com sua morte. Tem certeza que quer continuar com isso?!”.

As confissões de Buscetta ajudaram os promotores americanos e italianos a decifram toda uma gama de provas que já tinham em mãos. EUA e Itália fizeram um acordo para proteger e compartilhar os depoimentos de Tomaso. Mesmo extraditado para seu país natal, Tomaso seria admitido no programa de proteção a testemunha nos EUA.

Indubitavelmente, a violação do *omertà* [silêncio obstinado] feita por Buscetta, bem como a demonstração que o grupo anti-**Máfia** era capaz de proteger suas testemunhas, incentivou outros “homens de honra” a colaborarem com a Justiça.

MAXI-PROCESSO - Final de 1986: com o maxi-processo já nos tribunais e com as acusações do **MAXI-PROCESSO-2** já formalizadas, Paolo Borsellino decidiu deixar o grupo anti-**Máfia**, tornando-se candidato a promotor-chefe (Promotor da República de Marsala) da cidade de Marsala, próxima a Palermo. Com a saída de Paolo do grupo anti-**Máfia**, os colegas disseram que o contato diário com Falcone era difícil.

Dezembro de 1987. Sentença do maxi-processo: 344 réus condenados, num total de 2.665 anos de prisão. Réus considerados chefes de muitas famílias mafiosas importantes, tais como Michele Greco, Francesco Madonia, “Totó” Riina, Bernardo Provenzano. 114 réus foram absolvidos por insuficiência de provas, entretanto 18 desses foram posteriormente executados pela **Máfia** assim que postos em liberdade.

O Tribunal demonstrou piedade no que diz com Buscetta e outro delator da **Máfia**, Salvatore Contorno, condenando-os a 3 e 6 anos de prisão, respectivamente. Finalmente, um processo que demorou 22 meses, do começo ao fim, somente 6 meses a mais que o *Pizza Connection* em Nova York, o maior caso de tráfico de drogas da história dos EUA, o qual tivera 22 réus.

REENCONTRO COM BUSCETTA - Com as revelações de Antonio Calderone, um mafioso envolvido no caso Spatola, Falcone voou, em fevereiro de 1988, para uma locação secreta nos EUA, onde Buscetta estava escondido. Falcone disse a Tomaso sobre o depoimento de Calderone, no intuito de persuadi-lo a falar sobre envolvimento de políticos italianos com a *Cosa Nostra*.

MOMENTO CONTURBADO - Desde Janeiro de 1988, o Conselho Superior da Magistratura escolheu Antonio Meli, ao invés de Giovanni Falcone, como novo



Francesco Madonia,
chefe de família
mafiosa



Bernardo
Provenzano, réu
do maxi-processo



Outro delator da
Máfia: Salvatore
Contorno

chefe do escritório de investigação de Palermo. A partir de então, Antonio Meli tentava, de todas as formas, destruir a imagem e impor barreiras ao trabalho do grupo anti-**Máfia**.

No ano de 1988, novas leis limitavam os poderes dos promotores, uma vez que passariam a ser legalmente responsáveis pelos erros cometidos. Assim, os magistrados italianos precisariam de provas sólidas para convencer, antes de se prender qualquer pessoa, isto é, não bastavam indícios.

Giovanni Falcone viveu um momento de constantes humilhações públicas. Todos os dias, surgiam falsas acusações de todas as partes contra ele. Em contrapartida, Paolo Borsellino aproveitava um dos momentos mais felizes de sua vida. Longe dos holofotes, estar na província de Marsala era uma benção quando Palermo era, novamente, o centro das intrigas políticas, lutas de poder e controvérsias.

Mesmo trabalhando com pouquíssimos recursos, Borsellino, paulatinamente, construiu um escritório composto por jovens magistrados que, embora pequeno, começou a funcionar eficientemente, chegando a desfechos brilhantes em casos da **Máfia**.

AFASTAMENTO DE FALCONE - O promotor-chefe Pietro Giammanco não dava a Falcone o controle sobre as investigações da **Máfia** em Palermo, bem como mantinha-o na escuridão sobre casos importantes, excluindo o juiz das investigações. Negaram-



Calderone, mafioso
envolvido no caso
Spatola

lhe permissões para grampear linha telefônicas de suspeitos.

A partir de 1990, Falcone começou a gravar suas frustrações em um diário, somente mostrado para os amigos mais chegados, como Paolo Borsellino. Como precaução, Giovanni deu algumas páginas de seu diário a uma jornalista que confiava, Liana Milella, pedindo-lhe que não publicasse o documento.

O novo ministro da Justiça, Claudio Martelli, em resposta à grande pressão do povo italiano, que exigia uma atitude mais enérgica do governo no combate à **Máfia**, convidou imediatamente Giovanni Falcone para assumir o cargo de “Diretor de questões penais” em Roma. Em poucos meses de trabalho em Roma, Falcone mudou toda a estrutura de organização na guerra contra a Cosa Nostra.

1991. Aceitando o referido convite, Falcone se mudou para Roma. Os primeiros 10 meses de trabalho como “Diretor de questões penais” foram marcados por grandes trunfos: a prisão de Michele Greco e outros chefes da máfia em Palermo, a criação de um **FBI** italiano, criação dos escritórios distritais de promotoria e, terminando, com a decisão histórica da Suprema Corte no maxi-processo. Falcone fez, indubitavelmente, uma revolução judicial.

VEREDITO NO MAXI PROCESSO - Na tarde em que a Suprema Corte proferiu a sentença do **MAXI-PROCESSO**, Falcone e seus colegas tiveram uma quieta e pequena comemoração no Minis-



*O então ministro da
Justiça, Claudio
Martelli*

tério da Justiça em Roma. Primeiro telefonaram para colegas que estiveram envolvidos no caso, como Paolo Borsellino. Mas foi uma celebração muito consciente, “sóbria”, pois todos lá sabiam que algo grande acabara de acontecer e, de alguma forma, mais cedo ou mais tarde, teriam que pagar um preço.

A MORTE DE GIOVANNI FALCONE - 24 de maio de 1992. Sábado. Depois de uma manhã de trabalho, Falcone deixou Roma para ir a Palermo para onde ele retornava todos os finais de semana. Sua mulher, Francesca, ainda trabalhava na Sicília. Entretanto, sua transferência para Roma já estava marcada, para ficar próxima de seu esposo. Naquela semana, Francesca estava em Roma e Falcone, ao invés de viajar na sexta à noite, como de praxe, adiou sua ida para sábado à tarde, para então viajar com sua mulher. Viajaram num avião do governo e, ao pousarem em Palermo, três carros batedores da polícia italiana, com uma escolta de sete seguranças, os aguardavam.

Pietro Giammanco (centro) conversa com Falcone, a quem não dava o controle das investigações



Mas desde que medidas de segurança foram cortadas nos últimos anos, nenhum helicóptero sobrevoou a rota que Falcone faria do aeroporto até sua residência. Desse modo, ninguém percebeu a estranha movimentação que ocorria na estrada próxima a cidade de Capaci, poucos

quilômetros do aeroporto. Um time de “homens de honra”, vestidos como construtores, haviam feito os últimos ajustes nos 500 Kg de explosivos que foram postos dentro de um cano de esgoto metálico, o qual passava por debaixo da estrada.

Assim que a noite se aproximava, um grupo de homens, bem distante do local dos fatos, aguardavam o momento certo para acionarem a bomba por controle remoto.

Falcone dirigia seu *Fiat Croma* blindado, um gesto pequeno de liberdade para alguém que tinha uma vida rodeada de medidas restritivas. Francesca seguia ao seu lado, no banco de passageiros e seu motorista no banco de trás. Assim que o comboio passou a cidade de Capaci, a estrada toda foi alvo de uma explosão gigantesca, semelhante ao epicentro de um terremoto. Os três carros estavam destruídos.

As pessoas da viatura que seguia na frente, morreram na hora. Os três seguranças no último carro escaparam com alguns ferimentos, enquanto Falcone, Francesca e o motorista estavam seriamente feridos, mas vivos quando as ambulâncias chegaram. O motorista, que estava no banco de trás, sobreviveu, enquanto Falcone veio a óbito após che-



Jornal estampa em manchete a morte brutal

Uma explosão gigantesca destruiu três carros e matou Giovanni Falcone e sua esposa, Francesca





*Francesca Movillo
perguntou sobre
o marido*

gar ao hospital. Se Falcone não tivesse insistido em dirigir o carro, talvez estivesse vivo.

Ele tinha 53 anos. Francesca Movillo parecia ter chance de sobreviver e, quando retomou a consciência, perguntou onde estava seu Giovanni. Após duas operações, morreu naquela noite. Ela tinha 46 anos.

A morte de Falcone chocou toda a Nação italiana. Na cidade de Palermo, pessoas penduravam lençóis com escritos protestando a morte do magistrado: “Palermo exige Justiça”, “Chega”, “Tirem os mafiosos do governo”, “Falcone vive”. Muitos comentaristas diziam que o assassinato de Giovanni simbolizou a morte do Estado italiano. O funeral de Falcone foi um drama nacional. Todas as emissoras de TV exibiam o enterro ao vivo.

Assim que soube do atentado, Paolo Borsellino correu para o hospital onde Falcone havia sido socorrido. Chegou a tempo de ver o amigo morrer. A filha de Paolo chorava copiosamente, não só por Falcone, mas sim pelo fato de sentir que cada vez mais a morte de seu pai se aproximava.

A MORTE DE BORSELLINO - Nos dias que seguiram à tragédia de Capaci, Paolo estava deprimido e em estado de choque. Quando o público italiano caiu em si, dando-se conta da perda que sofreram

com a morte do magistrado, a mídia do país voltou toda sua atenção e, sine dubio, esperança a Paolo Borsellino.

Ao retornar ao trabalho, Paolo trabalhava como nunca, mais do que na época do **MAXI-PROCESSO**, como se soubesse que seu tempo era curto. Em meados de julho de 1992, Borsellino se encontra em uma situação extraordinária de interrogar três grandes delatores da **Máfia**.

19 de Julho de 1992. Paolo Borsellino, acompanhado de seus seis seguranças, viajam para Palermo para visitar sua mãe, já que estava preocupado com seu coração e planejava levá-la ao médico. Havia carros estacionados em frente ao prédio em que sua mãe morava, em Via D'Amelio, quando a escolta, composta por três carros, chegou ao seu destino.



A estrada para Capaci, onde homens vestidos de construtores posicionaram 500 kg de explosivos

Assim que Borsellino se aproximou do portão do edifício, ele e seus agentes voaram pelos ares



Il magistrato ucciso davanti agli occhi della madre
Massacrata la scorta, tra cui una donna. Molti feriti

È una strage senza fine Assassinato Borsellino

Un'autobomba a Palermo: sei morti

Si possono fermare
Perché non si fa?

Non si possono fermare perché non si fa? È la domanda che si pone il magistrato Paolo Borsellino, ucciso il 7 maggio scorso a Palermo, in un'azione di estrema violenza. La scorta era composta da sei persone, tra cui una donna, e tutti furono feriti. L'attentato è stato organizzato da una delle più potenti famiglie mafiose, i Calò, che hanno tentato di eliminare il giudice per il suo ruolo nella lotta alla mafia.



La scorta del P2. «C'è chi non scorda»
L'appello di Scalfaro in tv
«Lo Stato sia più credibile»

Il presidente della Repubblica Scalfaro ha fatto un appello alla televisione, chiedendo che lo Stato sia più credibile. Il suo discorso è stato accolto con interesse da tutti.



Após a morte de Borsellino, a maioria dos promotores anti-Máfia renunciou ao cargo

Um sexto agente permaneceu na direção do veículo-líder. Assim que Paolo se aproximou do portão do edifício de sua mãe, ele e seus cinco agentes voaram pelos ares, devido a uma explosão que podia ser ouvida a milhas de distância. Todos morreram.

No dia seguinte de seu enterro, a maioria dos promotores anti-**Máfia** do escritório distrital de Palermo renunciam seus cargos, exigindo a remoção de seu chefe, Pietro Giammanco, culpando-o de obstar o trabalho de Falcone e Borsellino.

Rita Atria, a garota siciliana de 17 anos que recorreu a Paolo, depois de seu irmão e pai terem sido mortos pela **Máfia**, jogou-se do terraço de seu apartamento em Roma, onde ela vivia escondida. “Não restou ninguém para me proteger”, ela escreveu em seu bilhete suicida.

PÓS-MORTE DOS MAGISTRADOS - A partir de então, o governo italiano tomou sérias medidas: em poucos dias, foi criado o 1º Programa de Proteção a Testemunhas, oferecendo reduções na pena e suporte para mafiosos que se propunham

a colaborar com o governo (uma ideia que os promotores em Palermo vinham pedindo há pelo menos uma década); o governo decidiu transferir os grandes chefões da **Máfia** para prisões em ilhas isoladas na costa italiana, impossibilitando qualquer tipo de comunicação com as organizações criminosas; e a mais drástica de todas as decisões tomadas, o primeiro-ministro Giuliano Amato enviou 7.000 tropas italianas para a Sicília.

Mesmo sendo inexperientes, os soldados que compunham o exército, eles tiveram uma importante função: enquanto faziam a guarda das casas de políticos e magistrados, foi possível botar centenas de policiais treinados para se dedicarem, inteiramente, ao trabalho investigativo.

Desde a morte de Borsellino até a primavera de 1994, os promotores anti-**Máfia** descrevem este como sendo um momento mágico. A polícia italiana desmantelou inteiras organizações criminosas, prendeu grandes figuras da *Cosa Nostra* que eram procuradas há décadas, evitou atentados homicidas, rastreou bilhões de dólares ilegais, indiciou empresários, políticos, magistrados e policiais acusados de protegerem mafiosos.

Mais de 600 pessoas se tornaram testemunhas do governo, um número raro em se tratando de crime organizado. Aos poucos, a parede

A medida mais drástica foi do primeiro-ministro Giuliano Amato, que enviou 7.000 tropas à Sicília



do *omertà* começava a ruir. Tomaso Buscetta morreu de câncer em 2000, aos 71 anos de idade, nos Estados Unidos, depois de sofrer cirurgias plásticas para despistar os numerosos “assassinos sob encomenda”, visto que tinha quebrado a *omertà* e colaborado com a justiça – o que, no meio mafioso, é a mais grave das traições.

BIBLIOGRAFIA

ARLACCHI, Pino; *Men of Dishonor: Inside the Sicilian Mafia: An Account of Antonino Calderone*. Editora William Morrow & Company, 1993.

-----; *Adeus à Máfia: As confissões de Tomaso Buscetta*. Editora Ática, 1997.

CATANZARO, Raimondo; *Men of Respect: A Social History of the Sicilian Mafia*. Editora Free Press, 1992.

CAWTORN, Niegel; *Mafia: The History of the Mob*. Editora Arcturus, 2012.

DICKIE, John; *Cosa Nostra: A History of the Sicilian Mafia*. Editora Hodder, 2007.

FALCONE, Giovanni; *Coisas de Cosa Nostra: A Máfia Vista por seu Pior Inimigo*. Editora Rocco, 2012.

-----; PADOVANI, Marcelle; *Cosa Nostra: O Juiz e os Homens de Honra*. Editora Bertrand Brasil, 1993.

FORGIONE, Francesco; *Máfia Export: Como a Ndrangheta, a Cosa Nostra e a Camorra colonizaram o mundo*. Editora Bertrand Brasil, 2011.

LUPO, Salvatore; *História da Máfia: Das Origens aos Nossos Dias*. Editora Unesp, 2002.

RAAB, Selwyn; *Five Families: The Rise, Decline, and Resurgence of America's Most Powerful Mafia Empires*. Editora Thomas Dunne Books, 2005.

RICHARDS, James R.; *Transnational Criminal Organizations, Cybercrime and Money Laundering: A Handbook for Law Enforcement Officers, Auditors, and Financial Investigators*. CRC Press, 1999.

SCARPO, Ed; *Inside the Last Great Mafia Empire*. Editora CreateSpace Independent Publishing Platform, 2006.

SIFAKIS, Carl; *The Mafia Encyclopedia*. Checkmark Books, 1999.

SMITH, Jo Durden; *A História da Máfia*. Editora M.Books, 2015

STERLING, Claire; *A Rede do Terror: A Guerra Secreta do Terrorismo Internacional*. Editora Nórdica, 1983.

-----; *Octopus: The Long Reach of International Sicilian Mafia*. Editora Lightning Source, 1990.

-----; *Um Mundo de Ladrões: Viagem às Redes do Crime Organizado*. Editora Europa-América PT, 1996.

-----; *A Máfia Globalizada: A Nova Ordem Mundial do Crime Organizado*. Editora Revan, 1997.

STILLE, Alexander; *Excellent Cadavers: The Mafia and the Death of the First Italian Republic*. Vintage Books, 1995.

ZIEGLER, Jean; *A Suíça acima de Qualquer Suspeita*. Editora Paz Terra, 1977.

-----; *A Suíça Lava mais Branco*. Editora Brasiliense, 1990.

-----; *Os Senhores do Crime: As Novas Máfias contra a Democracia*. Editora Record, 2003.

SOBRE OS AUTORES



MARCIO SÉRGIO CHRISTINO, 52 anos, Procurador de Justiça. Formado pela PUC-SP, ingressou o Ministério Público em 1988, como Promotor de Justiça substituto na Comarca de Praia Grande. Ainda como substituto, passou pelas comarcas de Cubatão e Peruíbe, pela Equipe de Repressão a

Roubos e Receptações, Promotoria das Execuções Penais e pela Promotoria de Infância e Juventude. Já como titular, ocupou o cargo de promotor de Justiça de Descalvado, Praia Grande e São Bernardo do Campo. Já na Capital paulista passou a integrar a 5ª Promotoria Criminal, onde se tornou Secretário em duas oportunidades. Foi membro do Gaeco – Grupo de Atuação de combate ao Crime Organizado, do GECEP – Grupo de Atuação Especial de Controle Externo da Atividade Policial e do SAI – Serviço de Análise e Informações. Foi um dos criadores e secretário do SEC – Serviço de Estatística Criminal. Foi promovido a Procurador de Justiça a área criminal, em 2009. Em 2015, exerceu o cargo de Secretário Executivo da Procuradoria de Justiça Criminal. É o 1º vice-presidente da Associação Paulista do Ministério Público pelo segundo mandato consecutivo. Concorreu ao cargo de Procurador-Geral de Justiça em 2010. É o autor do livro “Por Dentro do Crime”, sobre o crime organizado no Estado de São Paulo, e compõe a Comissão de Estudos sobre Projeto de Reformulação da Atividade Policial da Conamp – Associação Nacional dos Membros do Ministério Público. Foi professor titular de Direito Penal, Processual Penal e Prática Jurídica Penal na Universidade Paulista. É membro do Conselho Superior do Ministério Público – CSMP (biênio 2016-2017).



ANA CAROLINA GREGORY VILLABOIM, 33 anos, Promotora de Justiça. Formada pela Universidade Paulista (Unip), tem Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Público com Capacitação para o Ensino no Magistério Superior pelo Complexo Jurídico Damásio de Jesus.

Concluiu Curso Preparatório para os concursos de ingresso às carreiras jurídicas e Curso de Atualização das Principais Alterações no Código de Processo Penal (ambos no Complexo Jurídico Damásio de Jesus) e Curso sobre Mecanismos de Controle de Constitucionalidade, ministrado por Cássio Juvenal Faria. Concluiu, ainda, Curso de Inglês (Senior) na Maple River High School, em Minnesota, EUA. Ingressou no Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) em 2003. Cumpriu Estágio Probatório até 2005, trabalhando junco com Marcio Sérgio Christino (Grupo de Atuação e Combate ao Crime Organizado-Gaeco), César Ricardo Martins (III Tribunal do Júri) e Isabella Ripoli Martins (2ª Promotoria de Justiça Cível-Vara da Família e Sucessões). Atuou como Advogada Dativa (2007-2010), inscrita no convênio firmado entre a OAB e a Defensoria Pública para prestação de assistência judiciária à população carente do Estado de São Paulo, atuando nas áreas: Juizado Especial Cível e Juizado Especial Criminal. Após exercer as funções de Promotora de Justiça nas Comarcas de Macaúbal (entrância inicial) e São Sebastião (entrância intermediária), é titular do 5º cargo de Promotor de Justiça da Comarca de Suzano (entrância final), com atribuições na área criminal. Monitorou a Área da Infância e Juventude na Escola Superior do Ministério Público, com orientação aos Promotores de Justiça substitutos do 91º Concurso de Ingresso no MPSP na área da Infância e Juventude.